

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC

CURSO DE HISTÓRIA

ALINE GABRIEL BITENCOURT

**NÃO SABEMOS MAIS QUEM SOMOS: A DESCONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
DE MULHERES NOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NAZISTA DURANTE A
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

CRICÍUMA, DEZEMBRO DE 2011

ALINE GABRIEL BITENCOURT

**NÃO SABEMOS MAIS QUEM SOMOS: A DESCONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
DE MULHERES NOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NAZISTA DURANTE A
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciatura e Bacharelado no curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.^a Me. Lucy Cristina Ostetto.

CRICIÚMA, DEZEMBRO DE 2011

ALINE GABRIEL BITENCOURT

**NÃO SABEMOS MAIS QUEM SOMOS: A DESCONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE
DE MULHERES NOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO NAZISTA DURANTE A
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciatura e Bacharelado, no Curso de História da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em História Cultural, Gênero e Identidade.

Criciúma, 07 de dezembro de 2010.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Me. Lucy Cristiana Ostetto - UNESC – Orientadora

Prof.º Dr. Carlos Renato Carola – UNESC

Prof.º Me. Marcelo Pastafiglia- UNESC

Dedico esse trabalho a minha família e também a todas as mulheres que tiveram suas vidas marcadas por qualquer tipo de violência, principalmente as vítimas dos campos de concentração.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela proteção nesses quatro anos de caminhada e por estar comigo em todos os momentos da minha vida.

Aos meus pais João Bitencourt e Neci Gabriel pelo apoio e compreensão em todos os momentos. Devo tudo o que sou a vocês. Obrigada por tudo. Eu os amo imensamente.

Ao meu namorado Rafael Dandolini pelo carinho, pela paciência e pelo apoio, por me fazer acreditar em meus sonhos e principalmente por não deixar que eu desista deles.

A minha orientadora Lucy Ostetto, pela ajuda no desenvolvimento desse trabalho, pelo apoio nos momentos difíceis da pesquisa, por ter acreditado em mim e nesse projeto. Não canso de dizer o quanto eu a admiro e como quero ser como ela quando crescer.

A todos os professores do curso de História – Unesc, pela ajuda nessa caminhada de quatro anos. Registro aqui o meu carinho, o meu respeito e minha admiração por todos eles. Agradeço a todos pela ajuda em todos os momentos em que precisei. Devo a vocês Prof^s Paulo Sérgio Osório, Marli de Oliveira, João Henrique Zanelatto e a todos os outros o ser humano que sou hoje. Agradeço em especial aos Prof^s Antonio Luis Miranda, Carlos Renato Carola, Marcelo Pastafiglia e Prof^a Lucy Ostetto pelas contribuições na minha vida acadêmica e principalmente na realização desse trabalho e também a secretária do curso Dona Zeli pela paciência que não cansa em nos dispensar.

Aos meus colegas Jane Schardosim, Gilmara Plácido e Alexandre Silveira pelo apoio e ajuda nos momentos de dificuldade. Aos meus amigos Ariana Buss, Fabricio Abdel, Grazielle dos Santos e a todos os outros pelos momentos de descontração e alegria pelos quais passamos nesses anos de convivência. Espero que essa amizade perdure por muitos anos. Em

especial agradeço ao meu amigo e sócio Renan Borges Gonçalves pela ajuda e pelas dicas no desenvolvimento nesse trabalho.

Aos amigos do meu ônibus de Jacinto Machado, pelas risadas, pelas piadas e pela alegria que fez com que a viagem não fosse tão cansativa.

Feito os agradecimentos, gostaria de registrar o quão importante foi essa experiência em minha vida. Saio da universidade diferente do que entrei. No início você fica confuso com as idéias, com esse mundo novo, com as responsabilidades, mas tudo isso faz com que você cresça e se torne alguém melhor.

A História acredito eu, pode sensibilizar e fazer com que as pessoas reflitam sobre o passado, e principalmente ver através dela os atos de crueldade que o ser humano é capaz de cometer contra o seu semelhante. Por isso não precisamos de psicólogo, como disse um dia a querida Prof^a Lili.

Essa experiência fez com que eu me tornasse alguém mais crítico, mais reflexivo. Que entende as diferenças e que principalmente procura não fazer uso de julgamentos. Hoje me preocupo com a sociedade, com a educação, e com as pessoas e tudo isso devo ao fato de ter escolhido estudar História como minha paixão e profissão, sendo historiadora e educadora.

Peço a Deus que abençoe todos aqueles que optarem pela mesma escolha que eu. O caminho muitas vezes pode ser difícil, cheio de espinhos e fazer com que tenhamos vontade desistir, porém nenhuma dificuldade se compara com o crescimento interior que temos no fim dessa caminhada, que está só começando.

Termino meu “desabafo” com a frase do historiador Marc Bloch que diz: “Mesmo que julgássemos a história incapaz de outros serviços, seria certamente possível alegar em meu favor que ela distrai. (...) Pessoalmente a história sempre me divertiu muito.”

“Lutei pelo justo, pelo bom e pelo melhor do mundo.”

Olga Benário

RESUMO

A história das mulheres é algo recentemente abordado pela historiografia. E, no que diz respeito aos campos de concentração nazista, ainda existem poucos escritos que trazem as mulheres como personagens dessa história. Assim está pesquisa que se insere no campo da história cultural, objetiva refletir sobre os diferentes papéis assumidos pelas mulheres dentro do contexto da sociedade alemã durante o regime nazista (1933-1945), em particular nos campos de concentração (1942-1945), tendo como foco as mulheres judias. As fontes que nos ajudaram a problematizar esta temática foram as biografias e os depoimentos documentados. Nossa abordagem se pautou na discussão de identidade, procurando compreender como essas mulheres reconheciam-se enquanto sujeitos e que forma as práticas de desconstrução nos campos atingiram suas identidades. Escolhemos analisar um campo de concentração específico, o de Ravensbrück, para que possamos perceber se havia diferenças de tratamento feita pelos nazistas entre homens e mulheres. Discutimos também a luta das mulheres nos campos de concentração, desvelando as formas de resistir e preservar suas identidades e principalmente suas vidas. Na análise desses testemunhos percebemos o pensar de suas identidades diante das práticas de desconstrução utilizadas pelos nazistas, compreendendo assim as mudanças ocorridas no eu das prisioneiras nos campos de concentração.

Palavras-chave: Mulheres. Campos de Concentração. Nazismo. Identidade.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| Figura 1. Propaganda anti-semita “A conspiração mundial judaica” | 24 |
| Figura 2. Propaganda nazista enaltecendo a mulher alemã | 33 |
| Figura 3. Imagem de uma mulher trabalhando em uma fábrica de aviões | 35 |
| Figura 4. Foto de Olga Benário | 42 |
| Figura 5. Foto de Hertha Spier | 44 |
| Figura 6. Foto de Kathe Leichter | 46 |
| Figura 7. Foto de Eva Schloss | 47 |
| Figura 8. Imagem de Mulheres em Auschwitz | 51 |
| Figura 9. Imagem de mulheres trabalhando em Ravensbrück | 54 |
| Figura 10. Desenho de uma mulher grávida e sua irmã em Ravensbrück..... | 61 |

LISTA DE ABREVIATURAS

SS: Seção de Segurança; Polícia de Segurança Nazista.

KIM: Juventude Comunista Internacional.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 12 |
| 2. CAPÍTULO I – O NAZISMO E SUA IDEOLOGIA DE EXTERMÍNIO..... | 18 |
| 2.1 Aproximando o tema: nazismo e III Reich | 18 |
| 2.2 A ideologia anti-semita e sua contribuição para os campos de concentração..... | 20 |
| 3. CAPÍTULO II – A MULHER NO III REICH: UM OBJETO A SER ESTUDADO..... | 28 |
| 3.1 A mulher no Holocausto, algo a ser construído | 28 |
| 3.2 Mulheres alemãs e judias: duas faces de uma moeda..... | 31 |
| 4. CAPÍTULO III: AS MULHERES NOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO: O COTIDIANO DO TERROR E A DESCONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE..... | 40 |
| 4.1 A vida e a identidade de mulheres antes dos campos de concentração..... | 40 |
| 4.2 Olga Benário: a socialista | 41 |
| 4.3 Hertha Spier: a bailarina | 43 |
| 4.4 Maria Yefremov: a grávida | 44 |
| 4.5 Rosa Rudnik: a criança..... | 44 |
| 4.6 Ruth Klüger: a intelectual | 45 |
| 4.7 Kathe Leichter: a cientista social..... | 45 |
| 4.8 Eva Schoolss: a corajosa..... | 46 |
| 4.9 Sobre o que as mulheres lembram das práticas de medo: métodos de tortura nos campos de concentração..... | 48 |
| 5. Ravensbrück, um inferno particular..... | 58 |
| 5.1 Mulheres na resistência a luta pela sobrevivência..... | 63 |
| 6. CONCLUSÃO..... | 69 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... | 72 |
| ANEXOS..... | 78 |

1. INTRODUÇÃO

O tema campos de concentração é algo hoje ainda discutido nos mais diferentes meios como na acadêmica, no ambiente escolar e nas mídias. Porém, ao analisar esse tema percebe-se a existência de uma generalização sobre os sujeitos do holocausto¹. No que se refere às mulheres pouco se tem produzido, por isso compreendemos a importância de trazer as mulheres também como fonte dessa história, dentro de uma perspectiva cultural.

O campo da História, diante das recentes discussões tem possibilitado trazer novos personagens e, como diz Burke² “Mais ou menos, na última geração, o universo dos historiadores se expandiu a uma velocidade vertiginosa”. Por isso, ao analisar as obras escritas sobre os campos de concentração da Alemanha Nazista, percebe-se que pouco se tem produzido sobre o cotidiano das mulheres. Assim, este trabalho procura dar visibilidade às experiências de algumas mulheres nos campos de concentração durante a segunda guerra mundial, por meio de seus depoimentos, problematizando-os na perspectiva da identidade.

No decorrer da pesquisa alguns questionamentos foram surgindo: O que sabemos sobre essas mulheres? O que nos dizem sobre elas? O que ecoa de suas vozes até nós? Mulheres como Olga Benário, Hertha Spier, Lili Weinberg, Silvia Grohs são algumas interlocutoras que vão compor esta trama.

¹Holocausto: é uma palavra de origem grega que significa "sacrifício pelo fogo" Shoah. O significado moderno do Holocausto é o da perseguição e extermínio sistemático, apoiado pelo governo nazista, de cerca de seis milhões de judeus. Fonte: United States Holocaust Memorial Museum. Disponível em: <<http://www.ushmm.org/holocausto/historia.htm>>. Acesso em: 19/jun/2011.

² BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992. p.7-37.

O problema deste trabalho se configura em analisar quais as práticas utilizadas pelos nazistas para desconstruir a identidade de mulheres nos campos de concentração, tendo como objetivo compreender como essas mulheres reconheciam-se enquanto sujeito dentro desse sistema prisional, contrapondo com suas vidas antes de serem submetidas a ele.

As fontes utilizadas neste trabalho, foram biografias de mulheres sobreviventes e documentários que contêm seus depoimentos. Dentro das biografias a serem analisadas e publicadas no Brasil, temos a de Olga Benário³, Hertha Spier⁴, Ruth Klüger⁵, Eva Schloss⁶ e os relatos que compõem o livro *Sobre Viver*⁷ de Sofia Débora Levy, e o documentário *Os Sobreviventes do Holocausto* de Steven Spielberg⁸. Diante das poucas obras produzidas e da grande dificuldade em encontrá-las, não foi possível estabelecer critérios para escolha.

Cabe ressaltar a importância de obras, como *As judias do Campo de Ravensbruck*⁹, de Rochelle Saidel e o livro *Nazismo: política, cultura e holocausto*¹⁰ das autoras Márcia Mansor D'Alessio e Maria Helena Capelato que são utilizadas no decorrer de todo o trabalho.

³ MORAIS, Fernando. **Olga**. 13ª Ed. São Paulo: Alfa-Omega LTDA. 1987, p.314.

⁴ DINIZ, Tailor. **A sobrevivente A21646**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002. p.192.

⁵ KLÜGER, Ruth. **Paisagens da Memória**: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto. São Paulo: 34, 2005, 252.p

⁶ SCHLOSS, Eva; KENT, Evelyn Julia. **A História de Eva**. Rio de Janeiro: 2010. p.254.

⁷ LEVY, Sofia Débora. **Sobre Viver**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006, p.248.

⁸ Documentário **Os sobreviventes do Holocausto**, Steven Spielberg, EUA: Europa Filmes, 1995, 1 DVD

⁹ SAIDEL, Rochelle G. **As judias do Campo de Ravensbrück**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 306

¹⁰ D'ALESSIO, Marcia Mansor; CAPELATO, Maria Helena. **Nazismo**: política, cultura e Holocausto. São Paulo: Atual, 2004. p.128 (Discutindo a história)

O presente trabalho foi assim dividido: no primeiro capítulo intitulado O NAZISMO E SUA IDEOLOGIA DE EXTERMÍNIO, abordamos de forma simples os conceitos políticos e econômicos que envolvem o nazismo, como também o cenário que fez com que o mesmo chegasse ao poder, tendo como fontes Ribeiro Jr¹¹ e D'Aléssio e Capelato.

Trabalhamos também com as questões que envolvem o preconceito anti-semita como forma de compreender as mudanças ocorridas na vida das mulheres judias, diante dessa prática. As fontes utilizadas foram D'Aléssio e Capelato que abordam de um modo geral o anti-semitismo, Marrus¹² que discute a aceitação do anti-semitismo pelo povo alemão e a sua importância para a idéia da “Solução Final¹³” e Arendt¹⁴ que traz a explicação sobre a sociedade de massas e o funcionamento dos regimes totalitários. Na discussão sobre campos de concentração traremos Arendt que é citada por Gonçalves¹⁵ no que diz respeito à análise dos diferentes tipos de campo de concentração e Goffman¹⁶ sobre o entendimento das identidades dos prisioneiros em instituições totais.

No segundo capítulo intitulado “A MULHER NO III REICH: UM OBJETO A SER ESTUDADO”, abordamos a construção da mulher como um sujeito histórico. O objetivo dessa temática é compreender a sua falta de visibilidade na historiografia do holocausto,

¹¹ RIBEIRO JR. João. **O que é nazismo**. São Paulo: Brasiliense, 2005. p,86 (Coleção Primeiros Passos)

¹² MARRUS, Michael R. **A assustadora história do Holocausto**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.p. 432.

¹³ Solução Final: esse termo foi empregado para referir –se ao plano de aniquilação total do povo judeu, e não se sabe ao certo quando os líderes da Alemanha nazista decidiram implementá-la. Disponível em: <www.ushmm.org>. Acesso em 19/jun/2011.

¹⁴ MARQUES, Adhemar Martins et al. **História contemporânea através de textos**. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2008. p.135-166.

¹⁵ GONÇALVEZ, Renan Borges. **O confinamento de imigrantes e descendentes de italianos e alemães no vale do Araranguá durante II guerra mundial**. 2010.76.p. Trabalho de Conclusão de curso (graduação em História). Universidade do Extremo Sul Catarinense- Unesc, Criciúma.

¹⁶GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 5ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1961. p.7-40

tendo como referência os seguintes autores: Soihet¹⁷ e Rago¹⁸ dentro da discussão da mulher como sujeito histórico, Scott¹⁹ no estudo sobre a categoria de gênero, Louro²⁰ que discute a construção dos conceitos de gênero e sexualidade, e Hobsbawm²¹ para refletir sobre as mudanças ocorridas com as mulheres no início do século XX.

Discutimos também as mudanças sociais e políticas que ocorreram no cotidiano das mulheres alemãs e judias com a ascensão do governo nazista. Utilizamos como referências os seguintes autores: Quérel²² que trabalha com a participação das mulheres na guerra de 1939 à 1945, D'Aléssio e Capelato com o objetivo de compreender o papel da mulher no III Reich, a discussão feita por Prost e Vincent²³ no que diz respeito ao estudo do cotidiano da mulher judia e Bock²⁴ que analisa o cotidiano das mulheres alemãs e judias nos tempos do nazismo.

¹⁷ SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.). **Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.275-296.

¹⁸ RAGO, Margareth. Pensar diferentemente a História, viver femininamente o presente. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos et al. (Org.). **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: UFRGS, 2000. p.41-58.

¹⁹ SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 2, n. 20, p.71-99, Jul/Dez, 1995.

²⁰ LOURO, Guacira. Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Revista Pro-Posições**. São Paulo, v.19, n. 2, p. 17-23, maio/ago, 2008.

²¹ HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos**. O breve século XX 1914-1991. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das letras, 1995, p.304-313.

²² QUÉREL, Claude. **As mulheres na Guerra: 1939-1945**. São Paulo: Laouresse do Brasil, 2009. p. 239

²³ PROST Antoine; VINCENT, Gerard (org). **História da Vida Privada: da Primeira Guerra aos nossos dias**. v.5. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.459-489.

²⁴ BOCK, Gisela. A política sexual nacional-socialista e a história das mulheres. In: COELHO, Maria Helena da Cruz et al. (Org). **História das mulheres no Ocidente: o século XX**. V.5 Porto: Afrontamento, 1990-1991. p.184-217.

No terceiro capítulo, intitulado AS MULHERES NOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO: O COTIDIANO DO TERROR E A DESCONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE, abordamos através da memória das mulheres, como eram suas vidas antes dos campos e como as práticas de tortura física e psicológica atingiram suas identidades. Além das biografias e obras contendo os relatos, temos como referências os seguintes autores: Bosi²⁵ para fundamentar a discussão sobre memória, Hall²⁶, Bauman²⁷, Silva²⁸ e Goffman para compreender identidade e a discussão feita por D'Aléssio e Capelato sobre o objetivo da tortura no nazismo.

Discutiremos também de forma específica no presente capítulo o campo de Ravensbrück, como um campo de trabalho de mulheres. As fontes basicamente utilizadas são as obras de Saidel e D'Aléssio e Capelato.

Como forma de desmistificar a idéia de passividade das prisioneiras abordamos as formas de lutas das mulheres nos campos de concentração. Além dos relatos, essa parte do trabalho é fundamenta pelas obras de D' Aléssio e Capelato que nos ajuda a compreender as formas de resistência encontradas por elas para preservar suas vidas e suas identidades, Frankl²⁹ que faz uma análise psicológica sobre o que é ser prisioneiro, Jurt³⁰ que traz a

²⁵ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P.8-89.

²⁶ HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p.102.

²⁷ BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.p. 60-69.

²⁸ SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.p.202-205.

²⁹ FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1991.p.136. (Coleção Logoterapia)

³⁰ JURT, Joseph. Um caso extremo do social: As sociedades dos prisioneiros nos campos de concentração nazistas. **Tempo Social**, São Paulo, v. 22, n. 1 , p.[199]-210, jun. 2010.

discussão sobre a existência da sociedade de prisioneiros e Pollack³¹ que trabalha a relação entre memória e identidade.

Este trabalho conta ainda com a conclusão, as fontes, imagens, poemas, desenhos, referências e com anexos.

Compreendemos que este trabalho possibilita uma reflexão sobre o processo de construção do que temos como história do Holocausto, a partir das relações de gênero estabelecidas dentro e fora do campo de concentração no decorrer do século XX, tendo como enfoque algumas mulheres como “sujeito histórico”, suas formas de resistência e o reconstruir a partir de experiências e relações sociais.

³¹ POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro. v.5, n.10, 1992, p.1-15.

2. O NAZISMO E SUA IDEOLOGIA DE EXTERMÍNIO

2.1 Aproximando o tema: nazismo e III Reich

Como nosso tema tem como contexto o nazismo, o III Reich e os campos de concentração, consideramos necessário situar os leitores, trazendo uma discussão conceitual conforme esses três aspectos. Primeiramente precisamos compreender o que é e como que se deu a ascensão do governo nazista na Alemanha em 1933 e qual o cenário político e econômico que propiciou esse fato.

A palavra nazismo pode ser entendida como uma categoria ou um conceito de ciência política que engloba uma série de fatores políticos, econômicos e culturais, apoiando-se na idéia de raça e nacionalismo. Como nos mostra Ribeiro Jr³²:

Em resumo, a ideologia nazista se fixa na superioridade da raça alemã; no culto da força e da vontade de poder; na subordinação do indivíduo ao Estado; na ditadura do chefe, que encarna a comunidade nacional; na substituição da luta de classes pela união de todas as categorias sociais para trabalhar pela grandeza da pátria.

A crise de 1929 atinge a economia da Alemanha, que já sofria com a instabilidade política diante dos conflitos entre os grupos políticos alemães. O Partido Nacional Socialista aproveitando-se disso, através da propaganda constrói a imagem de um líder que acabou ganhando a simpatia do povo alemão, transformando seu governo num governo de massas. Segundo a explicação de Arendt³³ para sociedade de massas:

Os movimentos totalitários são possíveis onde quer que existam massas que, por um motivo ou outro, desenvolveram certo gosto pela organização política. As massas não se unem pela consciência de um interesse comum e falta-lhes aquela específica articulação de classe que se expressa em objetivos determinados, limitados e atingíveis. O termo massa só se aplica quando lidamos com pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou à indiferença, ou a uma mistura de ambos,

³² RIBEIRO JR. **Nazismo**. Op. cit. p.48

³³ MARQUES; BERUTTI; FARIA. **História Contemporânea através de textos**. Op. cit. p.143.

não se podem integrar numa organização profissional ou sindicato de trabalhadores. Potencialmente, as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido e raramente exercem o poder de voto.

Hitler ao subir ao poder implanta um regime totalitário baseado na idéia do corporativismo, sendo que o governo era a cabeça que comandava todo o resto, fazendo o uso de ideologias raciais para a aceitação de suas idéias. Como diz Arendt³⁴:

O estabelecimento de um regime totalitário requer a apresentação do terror como instrumento necessário para a realização de uma ideologia específica, e essa ideologia deve obter a adesão de muitos, até mesmo da maioria, antes que o terror possa ser estabelecido.

Diante desses fatores e de um forte sistema de propaganda, os nazistas conseguiram chegar ao poder, pois em 30 de janeiro, Hitler é nomeado chanceler da Alemanha e em 1934 com a morte do presidente Hindenburg, Hitler acrescenta o título de presidente e posteriormente o de Führer, adotando o termo político de III Reich para seu governo. Como explica D'Aléssio e Capelato³⁵:

A definição do regime nazista como III Reich (império) data desse momento. Essa denominação, utilizada para designar os doze anos de governo de Hitler na Alemanha, deveu-se ao fato de que ele procurava mostrar-se como legítimo sucessor do 1º Reich (o Sacro Império Romano-Germânico, fundado por Oto I, em 952, e terminado em 1806, com a invasão napoleônica na região) e do 2º Reich (fundado em 1871, a partir da unificação alemã sob o comando de Bismark com duração até 1918, em razão da queda do Kaiser Guilherme II e da proclamação da República de Weimar).

O nazismo como um sistema político e econômico trouxe grandes mudanças para o povo alemão, porém ele não foi movido somente por essas idéias, mas também por ideologias de cunho anti-semita, que ajudou os nazistas a enviarem milhões para campos de concentração.

³⁴ ARENDT. **Origens do Totalitarismo**. Op. Cit. p. 26.

³⁵ D'ALÉSSIO; CAPELATO. **Nazismo**. Op. Cit. p. 28

2.1 A ideologia anti-semita e sua contribuição para os campos de concentração

O anti-semitismo contribuiu para colocar em prática a política de extermínio de Hitler. Tal ideologia era difundida na sociedade alemã antes mesmo da sua chegada ao governo, ganhando mais força após esse acontecimento. A disseminação desse pensamento afetou a esta sociedade, transformando e excluindo certos grupos; como ciganos, homossexuais, judeus, testemunhas de Jeová, comunistas.

A ideologia anti-semita não é algo que surge na Alemanha de Hitler, mas que perpassa os conceitos religiosos presentes na Idade Média, época em que os judeus foram discriminados pelos cristãos e perseguidos nas Cruzadas.

No contexto dos ideais da Revolução Francesa os judeus lutaram por seus direitos buscando igualdade. Na Alemanha isso foi visto pelos anti-semitas como o início da decadência dessa sociedade. Apesar dos direitos juridicamente conquistados pelos judeus, acabaram sendo segregados e vistos como estrangeiros.

O fato de não possuírem um estado-nação contribuía para as perseguições, sendo enviados para guetos. Com o desenvolvimento econômico dessas regiões (guetos), os judeus conquistam o direito de habitar em qualquer parte das cidades, porém isso faz com que surja uma nova onda de anti-semitismo. Mas o que explica a fixação de Hitler pelos judeus? Na análise de D' Aléssio e Capelato³⁶:

Hitler em seu livro *minha luta* [...] responsabilizou o judaísmo internacional pela decadência do mundo. Desprezou os judeus pela falta de idealismo. [...] Concluiu que, como não eram capazes de criações espontâneas, viviam corrompendo o patrimônio e a herança cultural de outros povos. (...) a presença importante de judeus na política, na economia, nas ciências e nas artes teve forte peso no anti-semitismo daquele momento.

³⁶ D'ALÉSSIO; CAPELATO. *Nazismo*. Op. Cit. p.82

A primeira forma de colocar em prática a política eugenista³⁷ do III Reich foi o uso da eutanásia em pacientes com distúrbios mentais e motores. Hitler queria criar uma nação saudável, onde aqueles que não eram considerados aptos para o trabalho deveriam ser eliminados. O uso da propaganda contribuiu para a aceitação dessa prática pelo povo alemão. O apoio veio também de médicos geneticistas respeitáveis que passaram então a tentar criar a raça pura alemã.³⁸

Nessa política eugenista além dos judeus outros grupos foram considerados indesejados como: homossexuais, ciganos, comunistas ou qualquer um que se mostrasse contra as ideias nazistas. Esses grupos também sofreram com a segregação, pois o governo investiu em um forte mecanismo de propaganda para que o povo adotasse sua política de discriminação. O III Reich criou uma série de leis que deveriam ser seguidas à risca por eles, caso contrário o destino era a morte.

Em 15 de setembro de 1935, na cidade de Nuremberg em um congresso do partido, os nazistas definiram o judeu por um decreto intitulado “Para a proteção do sangue e da honra dos alemães”. Uma série de leis foram criadas antes, durante e depois desse evento com o objetivo de segregar os judeus, como podemos observar³⁹:

- 1933: os judeus que eram funcionários públicos foram aposentados compulsoriamente; não puderam mais fazer parte da imprensa, das artes, dos tribunais, da saúde, aos estudantes judeus foi imposta a utilização e um número de identificação na entrada das escolas e universidades.
- 1936: foram expulsos do exército

³⁷ Eugenia: teoria que enaltece a pureza de raças, a existência de raças superiores, sendo que desacreditava na miscigenação. [SILVA;SILVA, 2005, p.348].

³⁸ D'ALÉSSIO; CAPELATO. **Nazismo**. Op. Cit. p.86

³⁹ D'ALÉSSIO; CAPELATO. Idem. p.89-90

- 1938: foram expulsos do comércio e da indústria; foram obrigados a usar carteira de identidade e passaporte especiais; seus bens e capitais foram compulsoriamente declarados e bloqueados; foram obrigados a pagar um imposto especial “por terem provocado a justa cólera do povo alemão.”
- 1939: os judeus não mais puderam exercer funções agrárias e seus bens rurais tiveram de ser vendidos forçosamente, seus bens e capitais foram liquidados.

Segundo a explicação das autoras D’Aléssio e Capelato em 1940 o III Reich põe em prática seu plano de segregação, mandando milhares de judeus e outros grupos para guetos espalhados por toda a Alemanha.

A vida dessas pessoas muda completamente; famílias foram separadas, perdem seus bens e suas casas e passam a viver num ambiente de constante medo, porém o pior ainda estava por vir. Em julho de 1942, os guetos são esvaziados e seus moradores são levados para campos de concentração.

O anti-semitismo unindo-se a política de governo de Hitler e a aceitação das massas alemãs fez com que o caminho para o Holocausto fosse curto. Milhões de pessoas foram levadas a morte somente por serem rotuladas como “diferentes.” Como diz Marrus⁴⁰:

Ninguém consegue compreender como um assassinato em massa com tal escala possa ter acontecido ou como se possa ter permitido que acontecesse. O acúmulo de fatos não leva a essa compreensão; na verdade, talvez a compreensão não seja possível nunca.

O anti-semitismo foi apenas uma das medidas tomadas com base na ideologia eugenista de Hitler. Contribuindo num primeiro momento para o início das práticas de

⁴⁰ MARRUS. **A assustadora história do holocausto**. Op. Cit. p.27

desconstrução de identidade desses grupos, que se consumaria com o seu envio para campos de concentração.

Outro elemento importante para aceitação das idéias anti-semitas difundidos pelos nazistas foi o uso da propaganda. Seu objetivo era o de difundir esses conceitos de segregação e discriminação. No caso dos judeus, por exemplo, eram sempre mostrados como vermes, como maus e responsáveis pelos problemas da sociedade alemã.

O Ministério da Propaganda comandado por Goebbels investiu fortemente na criação de cartazes de cunho anti-semita como também na produção de documentários elaborados como “O Eterno Judeu”⁴¹, que tinha como objetivo desmerecer a imagem dos judeus intelectuais apontando-os como culpados do homossexualismo, da pobreza, de doenças. Como demonstra Marrus⁴²:

A definição do Ministério da Propaganda do perigo judeu reflete a particular virulência do anti-semitismo de Hitler e dos nazistas, pelo qual os judeus eram demonizados – apresentados não apenas com os inimigos mortais do Reich, mas também como uma fonte mundial do mal todo-poderoso, invasora e biologicamente definida. Assim eliminar os judeus passou a ser uma tarefa central do regime de Hitler.

Esse cartaz de cunho anti-semita onde registra uma aranha com um rosto de um judeu, tinha por objetivo mostrar que os problemas mundiais eram causados por uma teia feita por judeus. Esses tipos de propaganda eram expostas nas ruas como forma de incentivar o ódio contra esse grupo.

⁴¹ O Eterno Judeu, título original *Der ewige jude*, de 1940 produzido por Fritz Hippler. [MARRUS, 2003, p.68]

⁴²MARRUS. **A assustadora história do holocausto**. Op. Cit. p. 67.

Figura 1



Propaganda anti-semita sobre “A conspiração mundial judaica”⁴³

A ideologia anti-semita contribui para o processo de desconstrução de identidade de mulheres diante de suas práticas de preconceito e exclusão, sendo que essas práticas serão reforçadas nos campos de concentração.

Os campos de concentração e de extermínio tinham por objetivo eliminar aqueles que eram considerados dissonantes da idéia de nação alemã acreditada pelos nazistas. Com a guerra, houve a necessidade de mais mão-de-obra para a indústria bélica alemã, por isso os prisioneiros dos campos também tornaram-se trabalhadores, dentro de um sistema imposto como trabalho escravo.

Indústrias alemãs como Siemens, IGB-Farben e Volkswagen foram algumas das empresas que contrataram mão de obra escrava, construindo sedes dentro dos campos. O documentário *Noite e Neblina*⁴⁴, ao utilizar imagens aéreas do campo de Auschwitz

⁴³ Propaganda nazista criada em 1939, como forma de incentivar o ódio dos alemães contra os judeus. [MARRUS, 2003, p.238]

⁴⁴ Documentário *Noite e Neblina*, produzido por Alain Resnais em 1955. Disponível em:< www.youtube.com/noiteeneblina.htm.> Acesso em 15/maio/2011.

demonstra a grandiosidade desse campo, construído como forma de tornar-se depois da guerra, uma grande cidade industrial, coisa que já o era mesmos antes.

Os campos de concentração não eram em sua maioria campos de extermínio, sendo que existiam diferentes tipos de campos. Como demonstra Gonçalves⁴⁵ apoiado em Hannah Arendt⁴⁶, existiam três tipos de campos de concentração:

Primeiro, aos grupos condenados ao trabalho forçado, que viviam em relativa liberdade cujas sentenças são limitadas; Segundo, aqueles campos de concentração onde os homens eram explorados ao máximo em sua força de trabalho, quando o índice de mortalidade é muito alto; Terceiro, aqueles campos de aniquilação ou extermínio, nos quais os internos eram “sistematicamente exterminados pela fome e pelo abandono”. A partir destas distinções, Arendt classifica estes três sistemas independentes de campos de concentração em três tipos: o primeiro sistema corresponde ao que a autora chama de “Limbo” que são “aquelas formas relativamente benignas que já foram comuns mesmo em países não totalitários, destinados a afastar da sociedade todo tipo de elementos indesejáveis.

O campo de concentração Auschwitz I, por exemplo, foi inaugurado no dia 20 de maio de 1940, sendo o primeiro. Era o centro administrativo dos campos, é nele que se localiza a famosa placa com a frase “*Arbeit Macht Frei*” (O trabalho liberta). O campo serviu mais para utilização do trabalho forçado dos prisioneiros, mas foi nele que os nazistas testaram a primeira câmara de gás. O teste inicial com o gás Zyklon B matou 850 prisioneiros polacos e russos, em setembro de 1941. A experiência foi considerada um sucesso e utilizada em 1941 e 1942, posteriormente outras câmaras foram construídas nos demais campos.⁴⁷

Nesses campos funcionavam também hospitais, cozinhas, oficinas, fossas sanitárias, garagens, bordel, cinema, cassino, escritórios, mercearia, padaria, enfim tinha dentro de seu espaço físico tudo o que havia dentro de uma cidade.

Os campos de concentração foram espalhados por toda a Europa. Num primeiro momento seus alvos eram somente judeus ou os grupos que viviam na Alemanha, mas com a

⁴⁵ GONÇALVES. **O confinamento de imigrantes**. Op. Cit. p. 32

⁴⁶ ARENDT. **Origens do totalitarismo**. Op. Cit. p.493

⁴⁷ MARRUS. **A assustadora História do Holocausto**. op. Cit. p. 89

guerra também foram enviados prisioneiros, judeus e comunistas de outros países, além de poloneses, eslavos e povos de outras nacionalidades. Como demonstra o mapa que contém a distribuição dos campos de concentração.⁴⁸

O nazismo dentro de sua teoria de preconceito racial, fez com que milhares fossem submetidos aos campos de concentração. O objetivo inicial pode ter sido o de subjugar certos grupos considerados impuros, mas também o de utilizar seus bens e sua mão de obra para ajudar a fortalecer a economia alemã em tempos de guerra. Os campos de concentração serviram de instrumento para colocar em prática essas idéias, diante de seu sistema de controle prisional.

No trabalho escrito por Goffman⁴⁹, dentro da temática de identidade ao estudar as instituições totais (local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade por um determinado tempo, levam uma vida fechada e administrada), o autor discute as práticas utilizadas pelos administradores desses locais para que possam desligar o indivíduo da sociedade, ou seja, dos vínculos culturais e sociais que trouxeram antes da chegada à prisão.

No que diz respeito aos campos de concentração o objetivo do mesmo enquanto instituição total era o de submeter suas prisioneiras a constantes práticas de humilhação como forma de desconstruir aquilo que o sujeito tinha como sua identidade antes do campo. Como demonstra nesse trecho⁴⁹:

O novato chega ao estabelecimento com uma concepção de si mesmo que se tornou possível por algumas disposições sociais estáveis no seu mundo doméstico. Ao entrar, é imediatamente despido do apoio dado por tais disposições. Na linguagem exata de algumas de nossas mais antigas instituições totais, começa uma série de rebaixamento, degradações, humilhações e profanações do eu.

⁴⁸ Ver anexo 1. p.79: Mapa da distribuição dos campos de concentração pelo Europa.

⁴⁹ GOFFMAN. **Manicômios, prisões e conventos**. Op. Cit. p.24

Para além da forma como essas instituições foram construídas, faz-se necessário dar visibilidade aos sujeitos que lá foram aprisionados, e seu cotidiano em especial o que nos propomos analisar as mulheres judias, comunistas, ciganas, enfim, os sujeitos e suas identidades dentro dessas instituições.

3. A MULHER NO III REICH: UM SUJEITO A SER ESTUDADO

3.1. As mulheres no holocausto, algo a ser construído.

Para compreender a invisibilidade das mulheres na história dos campos de concentração faz-se necessário retomarmos o processo de construção da história das mulheres, que vem de uma longa caminhada de luta por direitos na sociedade.

A História das mulheres é um campo recentemente abordado pelos historiadores. Sua inserção na história perpassa também a trajetória de luta das mulheres por um espaço na sociedade. Como demonstra Soihet⁵⁰:

A grande reviravolta da história nas últimas décadas, debruçando-se sobre temáticas e grupos sociais até então excluídos do seu interesse, contribui para o desenvolvimento de estudos sobre as mulheres. Fundamental, neste particular, é o vulto assumido pela história cultural preocupada com as identidades coletivas de uma ampla variedade de grupos sociais: os operários, camponeses, escravos, as pessoas comuns. Pluralizam-se os objetos da investigação histórica, e nesse bojo, as mulheres são alçadas à condição de objeto e sujeito da história.

Isto porque, a história positivista no final do século XIX preocupa-se com a história política usando como fontes documentos administrativos e militares nos quais as mulheres pouco apareciam. Mas, com a Escola de Annales a partir de 1929, procurou-se outras abordagens trazendo novos sujeitos como fonte de análise, apesar de, nesse momento as mulheres ainda não serem incorporadas por essa historiografia, ela contribui para que isso seja feito no futuro. O marxismo considera a problemática das diferenças existentes entre homens e mulheres secundária visto que, para esta corrente historiográfica, as diferenças sociais seriam dissolvidas com o fim da diferenciação entre classes. Porém, em 1960 alguns

⁵⁰ SOIHET. **História das Mulheres**. Op. Cit. p.275

historiadores e historiadoras começam a estudar os grupos esquecidos pela História, dentre eles estavam as mulheres.⁵¹

E, no bojo do movimento feminista na década de 1960 as mulheres lutam por seus direitos, inclusive por um lugar na História, espaço também de luta, direitos e resistências. Neste sentido, Rago⁵² nos aponta que:

Para aqueles que buscavam o conforto das continuidades históricas que nos garantiam uma identidade fixa e coesa e nos asseguravam da existência de um passado organizado e concreto, a história genealógica proposta por Michel Foucault, provocou reações muito irritadas (Foucault, 1979). Do mesmo modo, a relativa visibilidade conquistada pelas mulheres – introduzindo seus temas, conceitos e reflexões – atingiu consideravelmente as metanarrativas ocidentais, masculinas, universalizantes e definitivas, desafiando as hierarquias sexuais e sociais tradicionais.

Com o surgimento da discussão de gênero novas possibilidades de pesquisa passam a ser utilizadas como forma de compreender os papéis designados a homens e mulheres, sendo possível assim entender as diferenças sexuais existentes devido a essa divisão de papéis como nos diz Scott⁵³:

Gênero como substituto de “mulheres” é igualmente utilizado para sugerir que a informação a respeito das mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica no estudo do outro. Este uso insiste na idéia de que o mundo das mulheres faz parte do mundo dos homens, que é criado dentro e por esse mundo. Esse uso rejeita a utilidade interpretativa da idéia das esferas separadas e defende que estudar as mulheres se torna isolada perpetua o mito de que uma esfera, a experiência de um sexo, tem muito pouco ou nada a ver com o outro sexo. Ademais, o gênero é igualmente utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. (...) O gênero se torna aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e as mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos as mulheres e aos homens.

⁵¹ SOIHET. **História das Mulheres**. p.276.

⁵² RAGO. **Pensar diferentemente a História**. Op. Cit. p.41.

⁵³ SCOTT. **Gênero**. Op. Cit. p.80

Na perspectiva de análise do gênero podemos assim compreender os papéis que foram designados às mulheres ou assumidos por elas conforme a sociedade em cada período, levando em consideração aspectos culturais, sociais e de classe.

Segundo Louro⁵⁴, os conceitos de gênero e sexualidade são construídos e aprendidos conforme os aspectos culturais ao qual o sujeito pertence. As instituições como a igreja, a escola, família e o Estado são também responsáveis por construir as idéias de feminino e masculino, como discute nessa fala:

A construção dos gêneros e das sexualidades dá-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, insinua-se nas mais distintas situações, é empreendida de modo explícito ou dissimulado por um conjunto inesgotável de instancias sociais e culturais. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado.

Cabe ressaltar que o reconhecimento das mulheres enquanto sujeito surge da luta de mulheres, que buscavam seu lugar enquanto um ser histórico social. Essa emergência das mulheres se reflete nas mudanças culturais, políticas e sociais do século XX. Visto que aborda Hobsbawm⁵⁵:

A entrada em massa de mulheres casadas – ou seja, em grande parte mães – no mercado de trabalho e a sensacional expansão da educação superior formaram o pano de fundo, pelo menos nos países ocidentais típicos, para o impressionante reflorescimento dos movimentos feministas a partir da década de 1960. Na verdade os movimentos de mulheres são inexplicáveis sem esses acontecimentos. Desde que as mulheres em tantas partes da Europa e da América do Norte tinham conseguido o grande objetivo do voto e direitos civis iguais depois da Primeira Guerra Mundial e da Revolução Russa, os movimentos feministas haviam a luz pelas sombras, mesmo onde o triunfo de regimes fascistas e reacionários não o destruíram, continuando nas sombras.

Buscamos assim compreender dentro da construção das mulheres como sujeito histórico, a falta de produções existentes sobre gênero no que diz respeito à história dos

⁵⁴ LOURO. **Gênero e Sexualidade**. Op. Cit. 18

⁵⁵ HOBBSAWM. **A era dos Extremos**. Op. cit. p.305-306.

campos de concentração. Por ser um campo ainda recente, existem inúmeras possibilidades de discussão através dessa perspectiva, e uma delas está no que diz respeito a esse recorte.

As mulheres alemãs e judias viveram na experiência política e social do III Reich mudanças no cotidiano e em suas relações sociais. Com intuito de atender aos objetivos impostos pelo governo nazista conforme o grupo a que pertenciam, foram sendo peças do mesmo jogo, estabelecidas dentro de uma perspectiva de gênero, como veremos.

3.2 Mulheres alemãs e judias: duas faces de uma mesma moeda

A vida das mulheres na Alemanha antes da ascensão de Hitler passava por mudanças significativas no âmbito da conquista de direitos; como trabalhar fora, obter maior independência do marido e cursar universidades, porém isso vai mudando com a chegada dos nazistas ao poder. Como nos explica Hobsbawn⁵⁶:

A partir do fim do século XIX, o trabalho em escritórios, lojas e certos tipos de serviço, por exemplo, em centrais telefônicas e profissões assistenciais, estava fortemente feminizado, e essas ocupações terciárias se expandiram e incharam à custa (relativa e por fim absolutamente) dos setores primários e secundários, que dizer, agricultura e indústria.

O cotidiano das mulheres alemãs no século XX ao ser analisado dentro do regime nazista demonstra que apesar das mudanças culturais, sociais e históricas que ocorreram nesse período, com a ascensão desse sistema político foram estabelecidos papéis específicos para as mulheres.

O governo nazista impõe algumas regras sociais e políticas para as mulheres tanto arianas⁵⁷, quanto judias. Um exemplo disso é a desistência das mulheres de alguns cursos

⁵⁶HOBBSAWM. **A era dos Extremos**. Op. Cit. p.304

⁵⁷ Este termo foi utilizado pela primeira vez pelo diplomata e escritor francês conde Arthur de Gobineu (1806-1882), segundo Gobineu, baseado na teoria de Friedrich von Schlegel, existia no antigo um povo, os arianos, que originaram-se na Ásia Central, migrando para o sul e para o oeste, chegando à Europa e a alguns territórios que hoje estão o Afeganistão, a Índia e o Irã. Para Gobineu, todos os povos europeus de raça “pura” branca eram

universitários considerados masculinos, a proibição de trabalharem fora e exercerem cargos públicos, podendo exercer funções consideradas femininas como professoras e enfermeiras.

As mulheres alemãs assim assumiram o papel de responsáveis pela construção da nação alemã. Sua função cabia em serem boas mães e esposas, ficando em casa cuidando dos filhos e do marido. Como observamos nessa fala de Quétel⁵⁸:

No congresso de Nuremberg de 1934, Hitler pode jogar as cartas para as mulheres alemãs: “Se os movimentos liberais “intelectualistas” de mulheres tinham outrora muitos, muitos pontos determinados por aquilo que se chama “espírito”, o programa de nosso movimento nacional-socialista de mulheres comporta, de fato, apenas um e este se chama: filho.” E o Führer completa seu pensamento declarando no mesmo ano: “Como nacional-socialistas, lutamos há anos para afastar as mulheres do envolvimento político, pois que julgamos indigno delas”. Hitler afirma, além disso, que a emancipação feminina é “uma invenção judaica.”

O III Reich era feito de homens e a sociedade deveria ser comandada por eles. A distinção entre homens e mulheres se fez presente nesse período, visando estabelecer papéis conforme as distinções sexuais. A ideia construída de que o masculino é feito para governar e o feminino para exercer funções domésticas é fortemente difundida no governo nazista.

A imagem das mulheres é somente valorizada como a provedora do povo ariano idealizado por Hitler e não como uma personagem atuante na esfera político-social do III Reich. As mulheres, segundo D’Aléssio e Capelato⁵⁹, “eram responsáveis pela reprodução da raça ariana, cabiam a elas o desempenho de funções relacionadas à sua natureza biológica, ou seja, procriar, cuidar dos filhos e da família.” Como mostra também esse cartaz de propaganda enaltecendo a imagem da mulher alemã, que luta pelos seus filhos:

descendentes do antigo povo ariano, o povo ariano – palavra que significa “nobre” – seria o ápice da civilização, sendo utilizado na Alemanha Nazista. Disponível em <www.historiadomundo.com.br> Acesso em: 24/jun/2011.

⁵⁸QUÉTEL. **As mulheres na guerra**. Op. cit. p.12

⁵⁹D’ALÉSSIO; CAPELATO. **Nazismo**. Op. Cit. p.31.

Figura 2



Propaganda que caracteriza a mulher alemã, como uma guerreira que luta por seus filhos⁶⁰

Hitler com o seu intento de construir uma sociedade de arianos investe em políticas públicas para incentivar as mulheres alemãs a terem filhos e a permanecerem em casa. Num primeiro momento na legislação do partido nazista ele cria a lei de proteção a mãe e a criança que consistia em dar boas condições de vida a ambos.

Com sua ascensão ao poder cria o programa de preparação das mães, que tinha como objetivo desenvolver seu rendimento físico e intelectual. O objetivo era o de fazê-las apreciar os grandes deveres que recaem sobre elas, instruí-las na maneira de criar seus filhos e qualificá-las para as tarefas domésticas.

Tudo isso se levava a cabo através de cursos de formação, cada um dos quais tratava unicamente de um tema em particular; construir uma nação de arianos. Cabendo a mulher um papel extremamente importante, que era o de progenitora dessa raça. Nessa

⁶⁰ Propaganda alemã de 1939, que procura enaltecer a mulher alemã como a genitora de uma alemã de raça pura. Disponível em: <www.segundaguerramundial.com.br>. Acesso em: 15/jun/2011.

valorização mascarada que o III Reich dá a mulher alemã, ela acaba tornando-se mais um dos instrumentos políticos desse governo. Como discute Quétel⁶¹:

Com uma taxa de natalidade que passa de 14,7% a 18% entre 1933 e 1938, o velho lema alemão dos “3k” – Küche, Kinder, Kirche (cozinha, filhos, igreja) – parece ter resultado de início. Tudo é feito para prosseguir nesse sentido, da proibição do acesso a muitas profissões à construção de uma imagem da mulher alemã sadia e fértil, de quadril largo e de cabelos trançados em forma de coroa na cabeça. A magreza é combatida, bem como a maquiagem, o fumo ou ainda o amor exagerado por um cão (por ser derivativo do desejo de ter filhos). Novas leis autorizam as jovens a se casar a partir dos 16 anos (contra 21 entre os rapazes), enquanto os divórcios de casais estéreis são facilitados, sempre que isso favoreça os homens.

Em 1935 Heinrich Himmler⁶² criou as instituições “Lebensborn⁶³” que tinham por objetivo tornar a raça germânica pura com o nascimento de bebês de sangue ariano. Essas instituições ofereciam a jovens mulheres racialmente puras a possibilidade de secretamente dar à luz a uma criança. O bebê ficava então a cargo das SS que tratava da respectiva educação e adoção.

As crianças nasciam em casas mantidas especificamente para tal. Inicialmente, essas casas serviam para que as mães tivessem os seus filhos, no entanto, com o objetivo de criar uma super-raça, as SS⁶⁴ transformaram esses locais de encontro entre mulheres alemãs racialmente puras e oficiais das SS. Muitas das crianças nascidas na Lebensborn, uma vez que ficavam a cargo das SS e sem o contato com as mães e sem afeto dos pais tornaram-se autistas.⁶⁵ Segundo Quétel⁶⁶:

A Lebensborn constitui a tendência “positiva” da eutanásia dos anormais e dos doentes mentais, instituída na mesma época, assim como das campanhas maciças de esterilização imposta por juízes a criminosos, as “anormais”, na realidade “associais” (alcoólatras, prostitutas com filhos ilegítimos).

⁶¹ QUÉTEL. **As mulheres na Guerra**. Op. Cit. p.13-14.

⁶² Heinrich Himmler, responsável pela organização de todos os campos de concentração. [D’ALÉSSIO; CAPELATO, 2004. p. 46]

⁶³ Lebensborn, em alemão significa “Primavera da Vida”. [QUÉTEL, 2009, p.13]

⁶⁴ SS: Seção de Segurança. Polícia de Segurança Nazista. [D’ALÉSSIO; CAPELATO, 2004. p. 38]

⁶⁵ QUÉTEL. Idem. Op. Cit. p.20

⁶⁶ QUÉTEL. Idem. Ibidem. p.40.

Dentro das contradições da política nazista, com o avanço da II Guerra Mundial e com a falta de soldados nos campos de batalha, os homens que trabalhavam nas fábricas são obrigados a ir para a guerra fazendo com que as indústrias alemãs corram um grande risco de falta de mão-de-obra. Diante disso, como o III Reich supriu essa falta de mão de obra? Contratando aquelas que ele designou como mães e não como operárias, as mulheres. Como mostra essa imagem de uma mulher alemã trabalhando em uma fábrica de aviação.

Figura 3



Mulher alemã trabalhando em uma fábrica de aviões⁶⁷

As mulheres alemãs vão para as fábricas suprir a mão-de-obra masculina, contribuindo para o não enfraquecimento da economia alemã. Num primeiro momento o regime nazista, preocupado em criar uma nação pura, cria uma série de restrições fazendo com que a maiorias das mulheres abandonassem seus trabalhos para dedicarem-se à família, criando uma série de programas para incentivarem a mulheres a terem mais filhos. Com o avanço da guerra a situação muda, pois os homens são convocados para frente e as mulheres

⁶⁷ Essa imagem demonstra que com o avanço da guerra as mulheres substituem a mão-de-obra masculina, sendo que anteriormente as mulheres foram incentivadas a deixarem seus empregos e cuidaram dos filhos e de seu marido. [QUÉTEL, 2009.p.90]

são incentivadas a tomarem os lugares de seus maridos. Como nos mostra D'Aléssio e Capelato⁶⁸:

Com o início da guerra, em 1939, as ideias sobre o papel da mulher na sociedade e sobre os programas de reprodução foram reavaliadas. A presença feminina no mundo do trabalho passou a ser indispensável. A falta de mão-de-obra nas indústrias e em outras atividades antes realizadas pelos homens foi responsável pelo deslocamento das mulheres do lar para as indústrias, principalmente porque a maioria dos homens havia sido convocada para a guerra. Além disso, a produção industrial aumentou devido à ampliação da produção bélica. O número de mulheres no mercado de trabalho, incluindo as casadas e mães, quase dobrou em relação ao final da República de Weimar. Do leste europeu foram trazidas 2,5 milhões de mulheres para substituir os alemães que se dirigiam aos campos de batalha.

E, no cotidiano das mulheres judias, dentro das tradições étnicas de seu grupo, a mulher desde muito criança foi ensinada a ser uma boa esposa, submissa e obediente a lei à qual era de vital importância ser observada e cumprida por ela.

Aprendia a lavar, cozinhar, tecer, fiar, plantar, colher e ser respeitosa para garantir ao seu marido um lugar privilegiado entre os homens de negócios da sua região ou tribo. Seu comportamento como esposa podia garantir a seu marido prosperidade, sendo extremamente valorizada na família judaica. Como vemos nesse trecho de Prost e Vincent⁶⁹:

A personagem da “mãe judia” reina na intimidade familiar. Símbolo do afeto exagerado, da abnegação culpabilizadora, ela é heroína da família judia. Com efetivo, ela assume uma das questões fundamentais do judaísmo: a transmissão. [...] Essa falta de mediação no ensino do judaísmo, uma parte do qual é assumido pela mulher, constitui uma de suas forças. A pessoa se mantém ligada às tradições não tanto por sua significação religiosa, mas principalmente por seu simbolismo pessoal.

Dentro do judaísmo a mulher é valorizada como guardiã das tradições, será ela quem dará os primeiros ensinamentos sobre sua religião como diz Jules Isaac: “Se eu era judeu, eu o devia principalmente à minha mãe.”⁷⁰

⁶⁸ D'ALÉSSIO; CAPELATO, *Nazismo*. Op. Cit ,p.33.

⁶⁹ PROST; VICENT. *História da vida privada*. Op. Cit. p.464.

⁷⁰PROST; VICENT. Idem. p.474.

Os casamentos eram em sua maioria arranjados e as meninas eram preparadas desde cedo para esse momento. Uma mulher virtuosa seria aquela que vivesse a religião e possuísse uma boa conduta na sociedade.

Essas características conforme foram discutidas demonstram o papel desempenhado pela mulher judia conforme sua religião e seu grupo étnico, sendo que esse grupo possui costumes culturais próprios, como língua e crença.⁷¹

Mas, como vimos no contexto do século XX algumas mudanças também ocorrem para elas. Como o direito de estudarem e trabalharem fora e até mesmo sua relação com o corpo, pois com a modernidade elas mudam também alguns de seus costumes. Percebemos isso nessa fala de Prost e Vicent⁷²:

No gueto, excluída de várias obrigações religiosas, a mulher já era o elemento moderno do casal. Ela continua como a iniciadora da modernidade. Se a concepção de seu papel no casal não sofre alterações, sua auto-imagem se transforma, sendo que a principal “modificação” diz respeito com a relação com o corpo. Agora ela desiste de ocultá-lo, abandona os trajes tradicionais(um casaco pesado bordado de pele e um gorro de astracã) e o grillão das leis do pudor religioso. Ela descobre a vaidade, e até o parzer da sedução. Embora continue a usar peruca, ela muda o corte e a cor, seguindo a moda.

As mulheres judias desempenharam um papel importante no movimento feminista alemão, defendendo o acesso das mulheres a carreiras profissionais e o reconhecimento social da mulher. Com a ascensão do III Reich, esses grupos de mulheres judias são mal vistos dentro do movimento e conseqüentemente acabam sendo expulsas.

A situação das mulheres judias com a ascensão do regime nazista torna-se difícil. Conseqüentemente são expulsas de seus trabalhos e proibidas de estudar em colégios alemães ou até mesmo de se relacionarem com rapazes ditos arianos.

⁷¹ SILVA; SILVA. **Dicionário de conceitos históricos**. Op. Cit. p.124

⁷² PROST; VICENT. **História da vida privada**. p.479.

A vida das mulheres desse grupo passa a constituir-se de restrições políticas e da dupla discriminação, como o de ser judia, comunista ou cigana e, além disso, mulher. A ideologia anti-semita que pregava o ódio aos judeus enquanto nação, fez com que a situação ficasse mais difícil com o passar do tempo para elas.

Em 1933 diante da preocupação do III Reich com a mistura racial do povo alemão, cria-se a Lei de Esterilização. Seu objetivo era o de esterilizar mulheres e homens considerados impuros, como judeus, deficientes mentais e motores, ciganos, negros. A prática do aborto também foi incentivada para as mulheres desses grupos. Como discute Bock ⁷³:

Em 1930, seis anos depois de Hitler, no Mein Kampf ter polemizado contra as mulheres judias e defendido a esterilização de milhões de pessoas inferiores, um dos seus ideólogos do sangue de solo subdividiu o sexo feminino em quatro categorias: as mulheres que deveriam ser incentivadas a ter filhos, aquelas cujos filhos seriam considerados aceitáveis, as que eram melhor não os terem e aquelas que deveriam ser absolutamente impedidas de os ter, particularmente através da esterilização.

A lei de esterilização não obteve muito sucesso, pois houve uma grande relutância na aceitação das mulheres racialmente “impuras” em adotarem essa prática. A tentativa do Estado em controlar as famílias, atingia particularmente as mulheres, pois tudo o que envolvia o âmbito familiar dizia respeito a elas. Essa lei fez com que nascessem nelas um sentimento de revolta.

Cabe ressaltar que não foram somente as judias que tiveram suas vidas modificadas diante das práticas restritivas dos nazistas, mas também comunistas, polonesas, eslavas, testemunhas de Jeová, ciganas, prostitutas, lésbicas e outros grupos, mas devido a escassez de fontes, as judias são as mais discutidas.

Tanto mulheres alemãs como judias serviram de instrumentos políticos aos nazistas. Mesmo sendo de culturas diferentes, ambas viram-se obrigadas a se submeter a esse

⁷³ BOCK. *História das mulheres do Ocidente*. Op. Cit. p.188.

sistema, diante da camuflada valorização das arianas ou da imposição de regras para as mulheres judias.

O cotidiano das mulheres na Alemanha nazista foi sendo modificado para ambas. Tanto alemãs quanto judias tornarem-se peças de um jogo político que visava criar um país forte composto por uma raça pura, sendo que foi estabelecido esse papel à elas.

Esse trabalho tem como fontes as mulheres dos grupos segregados. Para compreendermos a desconstrução de suas identidades é necessário analisar suas vidas antes dos campos de concentração; assim será possível o entendimento de suas identidades e os reflexos dos campos na sua constituição enquanto sujeito.

4. AS MULHERES NOS CAMPOS DE CONCENTRAÇÃO: O COTIDIANO DO TERROR E A DESCONSTRUÇÃO DE SUA IDENTIDADE

4.1 A vida e a identidade de mulheres antes dos campos de concentração.

No presente capítulo discutiremos como era a vida das mulheres antes dos campos de concentração, como forma de compreender suas identidades antes desse fato. Traremos como fontes as biografias de algumas mulheres, com o objetivo de retratar um pouco de suas vidas antes do holocausto, contrapondo com os relatos trazidos também por elas de como se reconheciam enquanto sujeito, diante de suas vivências no campo.

São os relatos de mulheres que nos ajudam a compreender quais eram as práticas utilizadas pelos nazistas na tentativa de desconstruir suas identidades e também suas formas de luta para sobreviver a essas práticas. Relatos que nos chegam pelo registro de suas memórias. Uma das únicas possibilidades de dar visibilidade a estas mulheres, por meio de suas experiências...

Segundo Bosi⁷⁴, a memória é o resultado das lembranças, do tempo e da opinião do autor influenciado por seu meio social. Visto que:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, “tal como foi”, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de uma fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua indiferença em termos de ponto de vista.

⁷⁴ BOSI. *Memória e Sociedade*. Op. Cit. p, 55.

As biografias de Olga Benário, Hertha Spier, Ruth Klüger, Kathe Leichter, Roza Rudnik, Maria Yefromov, Eva Schloss são algumas das histórias discutidas. Elas são assim utilizadas como representantes das milhares de mulheres que tiveram suas identidades marcadas pelo cotidiano dos campos de concentração. Visto que nos explica Hall:

A identidade torna-se uma celebração móvel: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um eu coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora narrativa do eu. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia

A construção da identidade está nas práticas cotidianas e naquilo que nos faz reconhecermo-nos enquanto sujeitos. Para compreendermos as práticas de desconstrução de identidade utilizadas pelos nazistas nos campos é necessário entender um pouco da história de algumas mulheres que foram suas prisioneiras. Assim podemos dar-lhes concretude, visibilidade, tornando-as mais que um número de estatística, sujeitos dessa história...

4.2 Olga Benário: a socialista

Olga Benário era judia alemã vinda de uma família de classe média de Munique, nasceu em 12 de fevereiro de 1908. Seu pai era um advogado de orientação social-democrata, que atendia os operários pobres, fazendo assim com que Olga despertasse o interesse pela luta operária. Aos 15 anos entrou para a juventude comunista de Munique. Olga destacou-se no movimento ocupando cargos importantes no partido.

Olga é considerada um exemplo de resistência nos campos, ajudando suas companheiras na luta diária contra a morte. Dentro de suas convicções ela demonstra um amor imenso pelos ideais revolucionários. Como retrata essa sua fala sobre a libertação de

Otto Braun⁷⁵ em um discurso feito num evento da KIM⁷⁶:- Eu gostaria que soubessem que ali eu cumpri duas tarefas: uma do Partido e outra do meu coração⁷⁷.

Em 1934, foi escolhida pelo Comintern⁷⁸ para acompanhar o comunista Luis Carlos Prestes em sua viagem de Moscou para o Brasil. Seu papel era o de ajudar Prestes numa ação revolucionária. Os dois acabam vivendo um romance e Olga engravida. Em 1936 Olga e Prestes são presos pela polícia de Getulio Vargas e Olga é mandada para Alemanha em um navio. Na época Vargas tinha uma relação amistosa com Hitler, como demonstra essa frase de Filinto Müller⁷⁹ caracterizando esse ato: “Um presente de Getúlio para Hitler”, pois Olga era procurada na Alemanha devido a sua importância do partido comunista.

Na Alemanha a filha de Olga, Anita Leocádia nasce em uma instituição nazista. Olga pode ficar com sua filha até conseguir amamentar. Passado esse tempo Anita é retirada de sua mãe, felizmente a mãe de Prestes, Dona Leocádia, consegue a guarda de Anita e Olga vai para um campo de concentração. Olga morreu em 1942 em uma câmara de gás em Auschwitz.

Figura 4



Olga Benário⁸⁰

4.3 Hertha Spier: a bailarina

⁷⁵ Militante comunista e namorado de Olga. [MORAIS, 1997, p.13]

⁷⁶ KIM: Kommunisti Internazionali Molodoi, uma versão do Comintern para a Juventude Comunista Internacional. [MORAIS, 1997, p.18]

⁷⁷ MORAIS. **Olga**. Op. Cit. p.18.

⁷⁸ Comitê Central da Juventude Comunista Internacional. [MORAIS, 1997, p. 13]

⁷⁹ Filinto Müller; torturador da ditadura militar no Brasil. [MORAIS, 1997, p.64]

⁸⁰ Foto de Olga Benário. [MORAIS, 1987]

Hertha Spier nasceu em 15 de julho de 1918. Seu pai Mortz tinha um pequeno negócio em sua própria casa. Hertha era a caçula de uma família de 4 irmãos. Por ser a caçula era coberta de mimos pelos pais e irmãos.

Na infância começou a estudar balé e desenvolveu um grande talento para o artesanato. No balé Hertha era conhecida em toda sua cidade. Consideravam-na uma grande promessa da dança. Como demonstra esse diálogo de seus irmãos e seus pais⁸¹:

- Vocês não acham que Bielitz já está pequena para a Hertha? – disse ele, procurando uma forma leve e bem humorada de abordar a questão.

- Pois é – acrescentou o irmão -, e aquela possibilidade de dançar em Viena, Hertha?

- Você dança desde os sete anos – observou Max, olhando primeiro para a irmã, depois para Moritz. Se você quiser mesmo seguir a carreira de bailarina, precisa pensar seriamente nessa possibilidade.

- Max, Max... – interrompeu Moritz. – Deixa a menina! Ainda é muito cedo, não insista com isso, por favor!

- Se Hertha sonha mesmo em ser profissional, aqui ela não tem muito mais o que fazer – insistia Max

- Tem, sim Max- reiterou Moritz. – Tem a família, é muito cedo para deixá-la sair pelo mundo, ir sozinha para Viena, uma cidade grande...Teríamos que ir todos juntos, mais isso não.

Os pais e irmãos preocupados com Hertha ocultavam dela o que estava acontecendo com os judeus para protegê-la. Com o avanço da guerra toda sua família foi obrigada a trabalhar no gueto de Cracóvia, sendo que no primeiro levante feito pelos nazistas no gueto, seus pais, por serem mais velhos, foram levados e fuzilados. Dois de seus irmãos haviam partido antes de serem levados para o gueto, sobrando Hertha e sua irmã Gisi, que após a evacuação do gueto, foram levadas para o campo de Plaszow. Hertha foi libertada do campo de Bergen-Belsen no dia 15 de abril de 1945, sendo a única sobrevivente de sua família, após sua recuperação veio viver no Brasil onde casou e constitui sua família.

⁸¹ DINIZ. A sobrevivente A21646. Op. Cit. 44-45.

Figura 5**Hertha Spier em 1946⁸²**

4.4 Maria Yefremov: a grávida

Maria Yefremov (Salamon), nasceu em 22 de fevereiro de 1914 em Titel, Iugoslávia. Era filha de um comerciante chamado Armin Salamon e tinha três irmãos, Velinir, Rosa e Léa. Ajudava sua mãe nos afazeres domésticos. Casou-se em 1939 com Juan Yefremov. Como demonstra nessa fala de sua vida, antes da guerra⁸³:

Sofia: Como vocês viviam antes da guerra?

Maria: Meu marido, na época, trabalhava uma grande empresa de madeiras, onde ele recebia o seu ordenado, com o qual vivíamos, até a chegada dos húngaros.

Em 1944 foi levada juntamente com sua mãe para Auschwitz. Maria estava grávida de 5 meses quando chegou ao campo. Ao ser libertada do campo de Bergen-Belsen no fim da guerra, após sua recuperação, juntamente com o marido foi morar em Israel e depois veio para o Brasil.

4.5 Rosa Rudnik: a criança

⁸² Hertha Spier em 1946. [DINIZ, 2002, p.35]

⁸³ LEVY. **Sobre Viver**. Op. Cit. p.130.

Rosa Rudnik (Pargman), nasceu em 27 de outubro de 1928 em Bialystok na Polônia. Era filha do comerciante Leon Pargam; tinha duas irmãs chamadas Genia e Hela; era estudante da escola judaica. Rosa conta como era sua vida nessa fala⁸⁴:

Nasci na cidade de Bialystok, na Polônia. Meus pais eram prósperos comerciantes, proprietários de uma sapataria – comercializavam varejo de sapatos e atacado de couro. Morávamos na Rua Suzazka, nº 9, num prédio de quatro andares de propriedade dos meus pais; vivíamos meus pais e meus pais e três irmãs, contando comigo – uma delas já era formada em contabilidade e trabalhava com meus pais. Até 1939, tive uma vida boa, estudei num bom colégio.

Quando começou a guerra tinha 10 anos e aos 14 anos foi levada para Auschwitz, deparando-se com a realidade de estar sozinha no campo. Rosa foi libertada em 14 de maio de 1945, após sua recuperação, juntamente com alguns sobreviventes veio residir no Brasil.

4.6 Ruth Klüger: a intelectual

Ruth Klüger era de origem judia nascida em Viana. Em 1931 Ruth viveu sua infância e adolescência no olho do furacão, como ela mesma diz em sua autobiografia. Seu pai era médico e fugiu em 1939 acusado de atender pacientes arianas e de ter praticado aborto, deixando assim, ela e sua mãe sozinhas. Segundo a mesma seu pai foi o grande responsável pela formação sua identidade. Como Ruth demonstra nessa fala⁸⁵:

Aprendi a jogar xadrez com ele. Era um bom jogador, pelo menos, um jogador apaixonado e quando eu tinha seis anos, explicou-me as regras dessa atividade intelectual totalmente descompromissada e, talvez por isso mesmo, tão prazerosa. Fiquei muito excitada em poder sentar-me em seu escritório, diante do tabuleiro, fazendo um esforço impensável para reter cada lance e tentar pôr em prática o que aprendera.

Em 1942 ela e sua mãe foram mandadas para o campo de Terezin e posteriormente para Auschwitz. Ela e sua mãe sobreviveram aos campos de concentração. Ruth emigrou para os EUA, onde construiu uma sólida carreira como professora de literatura.

⁸⁴ LEVY. **Sobre Viver**. Op. Cit. p.73.

⁸⁵ KLÜGER. **Paisagens da Memória**. Op. Cit. p.27.

4.7 Kathe Leichter: a cientista social

Kathe Leichter nasceu em Viana em 18 de agosto de 1895. Era filha de Josef Pick, membro da elite vienense e sua mãe era filha de um banqueiro. Desde cedo Kathe desenvolveu um grande senso de justiça. Com a ajuda do pai ingressou na Universidade de Viena, onde cursou Ciências Sociais, participando ativamente do Partido Comunista Austríaco, desenvolvendo um grande trabalho sobre a luta pelas mulheres. Kathe foi enviada em 1940 para Ravensbrück, tendo que deixar seus dois filhos para trás. Seu filho Franz rememora o último encontro que teve com sua mãe⁸⁶:

Sempre fui grato à minha mãe por tornar essa última visita que lhe fiz tão amistosa e agradável. Trago na minha memória sua grande confiança, e até mesmo sua alegria, quando ela me disse que dali a três meses o mais tardar, ela estaria livre novamente e iria ter conosco no estrangeiro.

Kathe não sobreviveu aos campos de concentração. Juntamente com Olga tornou-se um símbolo da resistência das mulheres.

Figura 6



Kathe Leichter⁸⁷

4.8 Eva Schloos: a corajosa

⁸⁶ SAIDEL. *As judias do campo de Ravensbrück*. Op. Cit. p.66.

⁸⁷ Kathe Leichter [SAIDEL, 2009, p.119]

Eva Schloos nasceu em Viena, em 11 de maio de 1929. Filha de Elfriede Markovits e Erich Geiringer, um empreendedor de negócios austríaco; teve um irmão chamado Heinz. Ela e seu pai eram apaixonados por esportes de aventura, como escaladas em montanhas. Nessa fala Eva conta essas experiências⁸⁸:

Às vezes, Pappy amarrava uma escada de corda numa árvore ou pedra no alto de um precipício, e nós dois descíamos como se fôssemos Tarzan, enquanto Mutti e Heinz esperavam por nosso retorno. Eu idolatrava Pappy e adorava imitá-lo. Ao contrário de Heinz, eu compartilhava do seu amor por esportes físicos e estava determinada a ser forte para agradar-lhe.

Eva tinha 15 anos quando ela e sua mãe foram mandadas para Auschwitz. Eva e sua mãe sobreviveram aos campos de concentração. Ao voltarem para sua antiga cidade Amsterdã encontraram Otto Frank, o pai de Anne Frank. As duas famílias aproximaram-se e a mãe de Eva casou-se com Otto.

Figura 7



Eva Schloss aos 15 anos⁸⁹

A história dessas mulheres nos ajuda a retratar a realidade de milhares, ambas tinham suas famílias, seus empregos e suas militâncias, outras eram crianças antes de serem enviadas para os campos. Algumas sobreviveram, outras não. A identidade dessas mulheres antes do campo representa a identidade de muitas que passaram pelas mãos dos nazistas em suas práticas de desconstrução de identidade.

⁸⁸ SCHLOSS; KENT. **A história de Eva**. Op. Cit. p.19

⁸⁹ Eva Schollss aos 15 anos, em 1940. [SCHLOSS; KENT. 2010. Anexos]

Para compreender como se deu esse processo de desconstrução é necessário analisar como elas reconheciam-se enquanto sujeitos diante das práticas cotidianas nos campos. Relatos das mesmas mulheres serão analisados para compreender esse processo e outros serão incluídos como forma de abordar as diferentes práticas utilizadas pelos nazistas nessa desconstrução de identidades.

4.9. Sobre o que algumas mulheres lembram das práticas do medo: métodos de tortura nos campos de concentração

Os nazistas utilizaram de inúmeras práticas de tortura física e psicológica, como parte da idéia de Hitler de inferiorização dos grupos tidos por ele como indesejados. Antes mesmo do envio de judeus para os campos o medo já era difundido. Uma dessas práticas foi o anti-semitismo.

No documentário *Os sobreviventes do Holocausto* de 1995, produzido por Steven Spielberg, que ao gravar A Lista de Schindler em 1993 trouxe depoimentos de sobreviventes; contém o depoimento de algumas mulheres como Claire Weisz que fala do preconceito anti-semita: “- Quando nos viam saindo ou entrando da escola chamavam-nos de judeus sujos. Penso que foi o pior tempo porque eu era uma jovem com 15 anos de idade e precisava de amigos, passear.”

O sentimento de liberdade e conseqüentemente as práticas restritivas nazistas contribuíram para que ocorressem mudanças significativas na vida de muitas jovens como demonstra a fala de Lili Weinberg⁹⁰:

- Quando os alemães invadiram minha casa, era noite da Páscoa estávamos reunidos a mesa quando ouvimos as batidas e gritos, silenciámos e vimos que era o começo do inferno. Fomos obrigados a sair de nossas casas deixando tudo, daí pensei: Deus eu gostaria de ser um pássaro voando porque o pássaro era livre e eu não.

⁹⁰ SPIELBERG. *Os sobreviventes do Holocausto*. 1995. DVD

Nessas falas percebe-se como o anti-semitismo afetou a vida dessas jovens. Ambas possuíam os desejos parecidos e ansiavam por uma liberdade até então não existente. Viviam num ambiente de discriminação e de restrições.

Não se podia ser quem se era por causa da proibição imposta pelo governo nazista. Em alguns relatos observa-se que o fato de ser judia torna-se um fardo a ser carregado, tendo que buscar maneiras e formas para esconder sua etnia e raça, pois sua dignidade era marcada com uma estrela no braço. Discutindo o conceito de identidade, segundo Silva e Silva⁹¹:

Podemos compreender a identidade pessoal como a característica de um indivíduo de se perceber como o mesmo ao longo do tempo. A identidade é um sistema de representações que permite a construção do “eu”, ou seja, permite que o indivíduo se torne semelhante a si mesmo e diferente dos outros.

Numa primeira análise dentro da discussão de identidade, no que diz respeito a formação social de um jovem, o negar quem se era, os seus costumes, suas crenças por serem consideradas diferentes, podem causar danos na construção do pensamento do indivíduo. Na concepção moderna e comumente falada, o sujeito pode passar por uma crise de identidade.

Faz-se necessário moldar-se conforme os conceitos culturais difundidos, pois assim você não é aceito. A identidade é algo construído conforme a sociedade em que esse indivíduo vive, obedecendo as regras e costumes nelas presentes, como explica Hall⁹²:

Assim, a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”.

⁹¹ SILVA; SILVA. **Dicionário de conceitos históricos**. Op. Cit. p.202.

⁹² HALL. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Op. Cit. p. 38.

Na pesquisa percebeu-se que não existia diferenciação de tratamento entre mulheres solteiras e casadas. Com as mulheres casadas a situação era mais difícil, pois seus filhos de até 12 anos eram mortos, levando muitas à loucura.

A situação agravava-se ainda mais ao serem separadas de seus maridos e do restante de sua família nos campos. Muitas cometiam suicídio ao deparar-se com essa situação. O medo de estar sozinhas em um campo era o pior deles. Milhões de famílias foram desestruturadas e muitas acabaram não existindo mais após o término da guerra por falta de sobreviventes.

Na chegada ao campo o inferno começava como, dizem muitas ex-prisioneiras. Entre a seleção esquerda-direita (esquerda = câmara de gás, direita = trabalho forçado) de Josef Mengele e seus médicos, o seu destino era traçado: morrer ou trabalhar.

As mulheres eram levadas para galpões onde tinham os cabelos raspados, seus pertences tirados, sua dignidade roubada, depois iam para galpões onde esperavam. Como diz Silvia Grohs – Martins⁹³:

Aos nos receberem no galpão dava-nos um vestido usado e outra prisioneira tinha um balde de tinta amarela e um pincel de 10 cm de largura. Ela pintou uma faixa amarela desde o topo de nossa cabeça raspada até as nossas costas. Essa era a identificação de uma prisioneira judia.

Podemos observar na imagem a seguir, como ficava a aparência das prisioneiras depois de passarem pela inspeção dos nazistas ao chegarem aos campos:

⁹³ SPIELBERG. **Os sobreviventes do Holocausto**. 1995. DVD.

Figura 8**Mulheres em Auschwitz, dirigindo – se aos pavilhões⁹⁴**

Depois disso eram submetidas a trabalhos forçados onde muitas morriam pelo cansaço e pela fome. Recebiam um ração de pão e café pela manhã e noite e uma sopa rala de batatas ao meio dia. Perdiam muito peso em poucas semanas, sendo que muitas morreram por inanição. O número de mortes eram maiores entre as mulheres que trabalhavam 12h por dia contratadas a 3 centavos pelas empresas alemãs, que pagavam esse dinheiro ao governo.

Os alemães e seus colaboradores não poupavam nem mulheres nem crianças, quando conduziam suas operações de assassinato em massa. A ideologia nazista apregoava o extermínio completo dos judeus, sem levar em consideração idade ou gênero.

As SS e os agentes policiais colaboracionistas executaram essa política sob o código "Solução Final" em centenas de localidades do território soviético ocupado. Homens e mulheres foram massacrados durante as operações de fuzilamento em massa. As mulheres grávidas e as mães com crianças de colo eram sistematicamente classificadas como "incapacitadas para o trabalho". Essas mulheres eram prontamente enviadas para os centros de

⁹⁴ Mulheres em Auschwitz, após passarem pelo processo de "higienização". Disponível em: <www.ushmm.org>. Acesso em 18/set/2011.

extermínio, onde os oficiais geralmente as incluíam nas primeiras fileiras de prisioneiros a serem enviados para as câmaras de gás.

Nos campos as mulheres eram particularmente vulneráveis a espancamentos e estupros. As grávidas tentavam esconder a gravidez para não serem forçadas a abortar ou para não irem para as câmaras de gás. As mulheres deportadas da Polônia e da União Soviética que realizavam trabalhos forçados eram sistematicamente espancadas, estupradas ou forçadas a manter relações sexuais com alemães em troca de comida e outras necessidades básicas.

Muitas vezes esses estupros resultavam em gravidez e se os “especialistas em raça” determinassem que a criança ao nascer não possuísse “genes arianos” suficientes, as mães eram forçadas a abortar, ou eram enviadas para darem à luz em maternidades improvisadas, onde as péssimas condições de higiene garantiriam a morte do recém-nascido. Como demonstra o relato de Dorotka Goldstein⁹⁵:

Sim, nós fomos punidas em Stutthof. Eu ainda tinha a minha mãe e a minha irmã, e nós fomos punidas por que três mulheres escaparam do campo. Sabe, recentemente estive em Auschwitz e vi os arames e os fios de eletricidade e tudo voltou a minha mente naquele momento. Eu ainda não entendi como elas fizeram para escapar. Realmente não entendo, porque em cima, os fios de eletricidade nem sempre estavam ligados, mas quando viam alguém se aproximando ou tentando tocá-los, eles ligavam e elas morriam. Agora, como estas três mulheres não foram atingidas pelos fios elétricos, eu não sei, mas elas escaparam. Eles não conseguiram encontrá-las. E nós fomos punidas, ficamos nuas durante doze horas no frio e o castigo adicional foi: eles levaram quatro ou cinco mulheres, não me lembro quantas mulheres e na frente das outras, ficamos em fila. Sabe eles estupravam de um modo que eu nunca tinha lido ou visto em lugar algum, nem mesmo em filmes ou na televisão, e sabemos quanto a programação da televisão é ruim, com todos os tipos de histórias. E ver as mulheres jovens serem estupradas por homens com pedaços de pau, e minha mãe estava perto de mim e ela colocou as suas mãos nos meus olhos, eu não deveria ver uma relação sexual pela primeira vez. Eu nunca havia visto uma relação sexual.

⁹⁵ Disponível em: <www.ushmm.org/sobrevivente.htm>. Acesso em: 24/jun/2010.

A desvalorização do prisioneiro enquanto ser humano era algo utilizado como forma de conter possíveis revoltas dentro dos campos, além de humilhar e ferir a dignidade daqueles que eram prisioneiros, como observa-se neste relato de Aillmuth Szprycer⁹⁶:

- Eles imprimiram um número no meu braço esquerdo. Nesse momento quando você é marcado, você perde sua dignidade. Sente-se tão indigno. Você se sente inútil nesse momento. Senti que não era ninguém. Por que nos disseram que quando perguntasse nosso nome seria aquele número.

Trazendo novamente a fala de Goffman⁹⁷, o autor trabalha essa relação do nome com o prisioneiro, segundo ele o nome ajuda a constituir a identidade do indivíduo, pois o objetivo de retirar isso do prisioneiro e mostrar o quão inferior ele é diante ao sistema prisional que está sendo imposto. Visto que:

O processo de admissão pode ser caracterizado como uma despedida e um começo, e o ponto médio do processo pode ser marcado pela nudez. Evidentemente, o fato de sair exige uma perda de propriedade, o que é importante porque as pessoas atribuem sentimentos do eu àquilo que possuem. Talvez a mais significativa dessas perdas não seja física, pois é o nosso nome; qualquer que seja a maneira de ser chamado, a perda de nosso nome é uma grande mutilação do eu.

A tentativa de desconstruir a identidade dos prisioneiros era uma forma de obrigá-los a obedecer e de garantir sua passividade diante das ordens dadas. Os nazistas usavam inúmeras formas de tentar apagar e destruir o que prisioneiros tinham como sua identidade.

As divisões dos campos eram feitas por grupos étnicos e por gênero, ou seja, esses grupos possuíam as mesmas características culturais. O objetivo era criar uma identidade social que para os nazistas servia como uma arma de fácil controle: “A identidade social é construída para permitir a manutenção das relações sociais de dominação.”⁹⁸ (SILVA;

⁹⁶ SPIELBERG. **Os sobreviventes do Holocausto**. 1995. DVD.

⁹⁷ GOFFMAN. **Manicômios, prisões e conventos**. Op. Cit. p.27.

⁹⁸ SILVA; SILVA. **Dicionário de conceitos históricos**. Op. Cit. p.203.

SILVA, 2005, p. 203), sendo muito difícil a construção de uma identidade individual diante das práticas de tortura utilizadas pelos nazistas.

Figura 9



Um grupo de deportadas no trabalho perto do campo de Ravensbrück, em janeiro de 1945⁹⁹

O desmembramento da família era algo usado para torturar e mexer com o psicológico dos prisioneiros, ao ver-se sozinhos nos campos os prisioneiros não viam mais perspectiva em viver. Como mostra o relato de Rachel Goldman – Meller¹⁰⁰:

Perguntei a uma das Kapos quando estaríamos reunidas com os nossos pais e ela apontou para uma chaminé do crematório e disse: “Vê essa chaminé?” Eu disse: “Sim” Ela disse: “Lá vão seus pais. Quando você for pelos chaminés, você se reunirá com eles.”

A tentativa também de destruir a memória era algo que se fazia presente no cotidiano do campo. Ao chegarem eram despojados de seus pertences, aqueles que conseguiam guardar algo se fossem pegos eram punidos ou até mortos.

A luta em preservar a memória individual vinha do medo de esquecer quem se era antes do campo. Como se percebe na relação existente entre identidade e memória: “Identidade e memória estão indissociavelmente ligadas, pois sem recordar o passado não é

⁹⁹ Um dos trabalhos realizados pelas mulheres nos campos era o da construção de estradas de ferro, ligando um campo ao outro. [QUÉTEL, 2009, p.67]

¹⁰⁰ SPIELBERG. **Os sobreviventes do Holocausto**. 1995. DVD.

possível saber quem somos. E nossa identidade surge quando evocamos uma série de lembranças.”¹⁰¹

As experiências científicas receberam um grande incentivo do governo de Hitler desde seu início e durante a guerra tiveram muita mais força, pois agora seus médicos possuíam cobaias humanas aos milhares.

No campo de Auschwitz, Josef Mengele implantou seu laboratório e lá fez as mais cruéis experiências científicas com mulheres. Muitas morreram, ficaram com dores e cicatrizes para o resto de suas vidas, outras ficaram estéreis com as experiências ou a serem obrigadas a tomar remédios que afetassem sua biologia. Como mostra o relato de Monika Dombre¹⁰² e Maria Yefremov¹⁰³:

Mandavam as mulheres deitar na mesa e se despir. Éramos despidas passávamos o tempo todo nuas. Eles nos mediam: altura, largura da bacia. Tiravam sangue para algum tipo de exame. Injetavam um líquido nos órgãos genitais. Tínhamos de esperar ali durante um tempo, mas à noite podíamos voltar ao alojamento. Foi quando começaram as infecções: mau cheiro, inflamação, sangramentos freqüentes. Passado um tempo eles injetavam mais líquido ainda. E no fim, fomos liberadas. Muitas morreram de infecção. Isso foi um problema enorme em toda a minha vida. Acabei me casando com um filho único de uma família muito abastada. O tempo passou e nenhuma criança veio ao mundo. Não pude ter filhos.¹⁰²

Sofia: As prisioneiras menstruavam no campo?

Maria: Não. Nenhuma mulher menstruava porque eles davam um remédio chamando *Brom* logo que chegávamos, e já no primeiro mês não menstruávamos. Eles colocavam o remédio na comida.¹⁰³

Os nazistas utilizavam também de outras práticas como forma de impor medo e estimular a passividade nas prisioneiras, como mostra o relato de Hertha Spier¹⁰⁴:

¹⁰¹ SILVA; SILVA. **Dicionário de conceito históricos**. Op. Cit. p.204.

¹⁰² SPIELBERG. **Os sobreviventes do Holocausto**. 1995. DVD.

¹⁰³ LEVY. **Sobre Viver**. Op. Cit. p.140

¹⁰⁴ DINIZ. **A Sobrevivente A1646**. Op. Cit. p.114.

Os minutos passavam, os cães latiam, inquietos, e nada acontecia, além do frio dos pés, das mãos, do rosto, que doía nos nervos e nos ossos. A espera fazia parte do ritual. Quando mais esperassem, mais tempo teriam para sentir medo. E quando maior fosse o tempo de medos e de angústias, mais atingidos seriam eles nas suas resistências. Essa era a regra. A espera em situações de medo e tensões também era uma forma de torturar e amedrontar, destruir a auto-estima e apagar referências.

Nessa perspectiva trazida pelos relatos das sobreviventes ao analisá-los percebe-se como se deram as inúmeras tentativas de apagar a identidade de cada prisioneira no campo. Os nazistas diante das práticas de tortura físicas e psicológicas, como a exposição dos corpos das prisioneiras ao frio ou ao calor extremo, no desmembramento de suas famílias e na submissão a experiências científicas, tinham por objetivo tornar as prisioneiras passivas. Para que isso ocorresse era necessário desconstruir suas identidades, usando formas de impedi-las de pensarem nelas, de agirem conforme elas, pois sua vida não as pertencia mais, como diz Frankl¹⁰⁵: “Nada possuímos a não ser, literalmente, nossa existência nua e crua.”

A idéia de Solução Final idealizada dentro de um sistema que diante do mau uso da teoria darwinista considerava-se superior; vinculando ambições políticas e ideológicas da utopia nazista, fez com que a destruição do eu enquanto sujeito fosse necessário para colocar em prática os objetivos de criar uma raça pura alemã. Como explica D’Aléssio e Capelato¹⁰⁶ : “A tortura que define o nazismo está, é verdade, nas ações cotidianas, mas localiza-se, sobretudo, no princípio fundamental que institui a destruição do “outro” por meio da destruição de sua condição de ser humano.”

A negação da identidade dos prisioneiros fez com que não restasse nenhum traço social do sujeito, sendo que a contagem de tempo no que diz respeito a suas vidas não era mais de meses ou anos, mas sim em dias e talvez até mesmo em horas.

¹⁰⁵ FRANKL. **Em busca de um sentido**. Op. Cit. p. 25.

¹⁰⁶ D’ALÉSSIO; CAPELATO. **Nazismo**. Op. cit. p.107

O diferente não era aceito na sociedade do Reich; aqueles que não se enquadrassem nos conceitos da sociedade perfeita alemã deveriam ser descartados, pois maculavam a ideia de perfeição de um país feito de arianos puros.

Aceitar o diferente na discussão de identidade é algo, segundo alguns historiadores, extremamente difícil diante das idéias de uma nação unificada não só na política, mas principalmente na cultura. Para que essa unificação ocorra, formas de dominação serão utilizadas, sendo necessário que se desconstrua a identidade de certo grupo étnico considerado inferior ao grupo dominante, como explica Bauman¹⁰⁷ e Hall¹⁰⁸:

As vítimas em potencial não são temidas e odiadas por serem diferentes – mas porque não suficientemente diferentes, misturando-se facilmente a multidão. A violência é necessária para torná-las espetacularmente, inequivocamente, gritantemente diferentes. Então, ao destruí-las, podia-se ter a esperança de estar eliminando o agente poluidor que havia ofuscado as distinções, e as identidades deixarem de ser frágeis, vagas e instáveis.¹⁰⁷

Uma cultura nacional nunca foi simples ponte de lealdade, união e identificação simbólica. Ela é também uma estrutura de poder cultural. A maioria das nações consiste de culturas separadas que só foram unificadas por um longo processo de conquista violenta – isto é, pela supressão forçada da diferença cultural.¹⁰⁸

Nos relatos dos sobreviventes existe um sentimento que é comum a todos, que é fato de sentirem culpa por terem sobrevivido e seus familiares não, querendo muitos terem trocado de lugar com irmãos, filhos e pais. Isso demonstra a dificuldade dos sobreviventes em aceitarem a sua condição de sobrevivente. O reconhecer-se como sujeito acaba tornando-se uma das maiores dificuldades daqueles que sobreviveram, pois as tentativas de destruir sua identidade fizeram com que tivessem dificuldade de aceitar novamente as características étnicas e raciais que possuíam antes dos campos.

¹⁰⁷ BAUMAN. **Identidade**. Op. Cit. p.65

¹⁰⁸ HALL. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Op. Cit. p.59

Os campos de concentração marcaram a vida dessas pessoas que passaram por todas as tentativas dos nazistas de destruir sua identidade. Quando receberam novamente sua liberdade, juntaram o que restou de si mesmos e no reconstruir de suas vidas, refizeram sua identidade, porém jamais esqueceram o que viveram nos campos, como diz o sobrevivente Moshe Obter¹⁰⁹: “Querer eu quero esquecer, mas não posso.”

Além das práticas de desconstrução de suas identidades, dentro dos campos estabeleceram-se também relações de gêneros impostas pelos nazistas. Contrariando a idéia de que homens e mulheres foram tratados de forma iguais, sendo ambos apenas números. Prova disso é a existência de um campo exclusivo para mulheres como é o caso de Ravensbrück.

5.0 Ravensbrück, um inferno particular

Em maio de 1939, as SS inauguraram Ravensbrück, o maior campo de concentração nazista para aprisionamento de mulheres. Até a libertação deste campo pelas tropas soviéticas, em 1945, estima-se que mais de 100.000 mulheres haviam sido encarceradas.

Em 1942, as autoridades das SS construíram um complexo no campo de concentração de Auschwitz-Birkenau (também conhecido como Auschwitz II) destinado a servir como campo de prisioneiras, e entre as primeiras delas estavam as que as SS haviam transferido de Ravensbrück. Em Bergen-Belsen, no ano de 1944, as autoridades do campo construíram uma extensão feminina e, durante o último ano da Segunda Guerra Mundial, as SS para lá transferiram milhares de prisioneiras judias de Ravensbrück e Auschwitz.¹¹⁰

¹⁰⁹ SPIELBERG. **Os sobreviventes do Holocausto**. 1995. DVD.

¹¹⁰ SAIDEL. **As judias do campo de Ravensbrück**. Op. Cit. p 29.

O objetivo inicial do campo era encarcerar e punir prisioneiras políticas enquanto a Alemanha se preparava para a guerra, utilizando-as como trabalhadoras escravas. As prisioneiras enviadas de vários países eram identificadas por triângulos de cores correspondentes às suas nacionalidades, envolvimento político, grupo étnico e opção sexual.

O relato de mulheres que passaram por esse campo, retrata a constantes práticas de tortura sofridas pelas prisioneiras como demonstra a fala de Gemma Gluck¹¹¹:

Havia a “sala do gelo” em Ravensbrück, onde pelo menor delito a gente era obrigada a ficar descalça horas a fio em cima do gelo. Para um castigo severo, muitas prisioneiras eram despidas e jogadas na sala de gelo. Não admira que tantas ficaram permanentemente doentes em decorrência dos campos.

Ravensbrück, em sua construção, tinha por objetivo inicial ser um campo de trabalho escravo, não possuindo em sua estrutura câmaras de gás, mas o relato de mulheres nos mostram que houve, no campo, assassinato de prisioneiras por envenenamento de gás. Essa prática era feita com a utilização de caminhões. Em um caminhão eram colocadas as prisioneiras e no outro, através do escapamento, emitia-se monóxido de carbono que saía por uma abertura do outro caminhão, matando as prisioneiras intoxicadas. Em 1944 Himmler¹¹² ordenou a construção de uma câmara de gás em Ravensbrück para que fosse mais eficiente a prática de extermínio de mulheres.

As prisioneiras, em sua maioria, reclamam das péssimas condições de higiene do campo, da falta de comida, dos espancamentos. Como mostra a fala de Tova Flatto Gladi¹¹³:

Lembro-me de quando cheguei ainda havia banheiros decentes em Ravensbrück, no campo alemão. Por isso tive de encontrar aquelas coisas que minha mãe me deu, e eles estavam batendo na porta. A gente só tinha pouco tempo, para tomar banho ou para usar o toalete. E se a superintendente não gostasse da gente por uma razão

¹¹¹ SAIDEL. **As judias do campo de Ravensbrück**. Op. Cit. p.30

¹¹² Responsável pela administração dos campos de concentração. [SAIDEL, 2009. p. 18]

¹¹³ SAIDEL. Idem.p.93

qualquer, a gente era espancada. Isso para ela era um prazer. Éramos tratadas como animais. E não tínhamos nomes. Todas tínhamos um número.

As mulheres de Ravensbrück, em sua maioria, trabalharam para a fábrica Siemens, que contratava as mulheres para a fabricação de componentes elétricos para foguetes V-1 e V-2, precisavam de mãos pequenas e delicadas e as mulheres ofereciam esse tipo de mão-de-obra.

Trabalhavam também na fabricação de tecidos, na construção de estradas e nos escritórios do campo, sendo espancadas caso cometessem um erro ou o seu serviço não rendesse, como mostra Saidel¹¹⁴:

As prisioneiras eram espancadas quando a sua produção não era considerado suficiente. Se um artigo de vestuário não era costurado adequadamente, ou se uma agulha da máquina quebrava, os guardas batiam a cabeça das prisioneiras nas máquinas até sangrar.

Quando se discute sobre os prisioneiros dos campos de concentração muitas vezes entende-se que homens e mulheres eram tratados de formas iguais, que a distinção sexual não era algo relevante para os nazistas, porém os relatos mostram que o fato de ser mulher implicava em uma série de medidas que não poderiam ser iguais as dos homens. Como discute Saidel¹¹⁵:

As judias de Ravensbrück tinham de confrontar-se com algumas questões tanto como judias quanto como mulheres. A história de cada sobrevivente é única, mas a experiência das mulheres era, em vários aspectos diferente da dos homens no contexto do sofrimento universal de todas as vítimas do Holocausto. Aprender sobre as experiências das judias no campo para mulheres pode ajudar-nos a entender melhor essas distinções. Por um lado, havia aspectos positivos relacionados com gênero que permitiam às mulheres enfrentar melhor as condições subumanas de degradação, privação, terror e morte em Ravensbrück. Por exemplo, as habilidades ligadas aos afazeres domésticos permitia-lhes formar famílias substitutas, cuidar umas das outras e cumprir rotinas de higiene e serviços domésticos que ajudavam a suportar a vida.

¹¹⁴ SAIDEL. **As judias do campo de Ravensbrück**. Op. cit p.120.

¹¹⁵ SAIDEL. Idem. p.39.

Nessa fala de Saidel percebemos que o fato de ser mulher influenciava a vida e a morte nos campos de concentração. Os papéis eram definidos conforme as normas comportamentais da época, ou seja, existiam funções exclusivamente femininas e masculinas e no campo baseado nessa diferença o modo como se viveu no campo entre homens e mulheres não foi igual.

A partir desta literatura podemos perceber que existiam trabalhos no campo exclusivamente femininos, como as tecelagens. A relação com o corpo era diferente também entre homens e mulheres. As mulheres conviviam constantemente com medo dos estupros e da prostituição forçada e tinham sua biologia afetada por remédios para não menstruarem. Muitas estavam grávidas quando chegaram ao campo, outras eram trazidas com filhos, pois aos nazistas diante dessa distinção de papéis, cabia a mulher o cuidado com os filhos, e os homens eram úteis para trabalho.

O senso de organização e solidariedade entre elas também era característico. Organizavam-se até mesmo na construção de livro de receitas e na fabricação de brinquedos. Algumas depoentes eram crianças e estavam sozinhas, por isso algumas mulheres as adotavam sendo suas “mães substitutas”. Algo que não se encontra tão presente nos relatos dos homens. Os desenhos feitos pelas mulheres retrata o seu cotidiano e suas particularidades.

Figura 10



Desenho feito pela artista e prisioneira Helen Ernest, retratando uma mulher grávida e sua irmã¹¹⁶

¹¹⁶ Desenho de Helen Ernest, demonstrando o cotidiano das mulheres nos campos. [SAIDEL, 2009, p.228]

As lésbicas tinham um tratamento diferente das dos homossexuais, enquanto eles eram processados pela lei anti-homossexual e eram identificados pelo triângulo rosa específico, as lésbicas eram identificadas por triângulos pretos, como associadas, usando a mesma identificação das prostitutas e ladras.

A identidade das mulheres se fez presente nesse campo, devido aos papéis construídos dentro das relações de gênero no período. Os relatos demonstram suas particularidades e como se reconheciam enquanto mulheres nesse campo, que era destinado a elas.

Ravensbrück, pode-se assim dizer, foi um inferno particular para as mulheres. Um poema de Charles Fishman¹¹⁷, intitulado *Dança nos Poemas de Rilke*¹¹⁸ e escrito sobre esse campo, demonstra o cotidiano de terror pelo qual passavam essas mulheres¹¹⁹:

No inferno particular de Ravensbruck
 Onde menina e ciganas eram esterilizadas e bebês
 Eram afogados ao nascer onde disenteria
 Câncer de pulmão e tifo levavam vida após vida
 E experiências grosseiras com indução
 De infecção e dor eram cultivadas como uma arte fina
 Onde mulheres de todas as nações européias eram escravizadas
 Para Siemens ao longo de intermináveis noites sem lua

¹¹⁷ Charles Fishman: jornalista e poeta americano. Disponível em: <www.charlesfishman.com>. Acesso em: 13/out/2011.

¹¹⁸ Rilke: Rainer Maria Rilke nasceu em Praga em 4 de dezembro de 1875. É considerado como um dos mais importantes poetas modernos da literatura e língua alemã, por sua obra inovadora e seu incomparável estilo lírico. Disponível em: <www.poetasepoesias.blogspot.com>. Acesso em: 13/ou.2011.

¹¹⁹ SAIDEL. **As judias do campo de Ravensbrück**. Op cit. p.3.

E derrubavam árvores, escavavam poços, carregavam e descarregavam

Vagões de trem e barcaças onde o aborto era

Inevitável e a crueldade sexual a regra e onde

Uma mulher podia ser torturada por usar trapos

Como tampões ou só por ajustar sua roupa

Entender o funcionamento desse campo, através do relato das sobreviventes, possibilita compreender as diferenças existentes entre a vivência de homens e mulheres nos campos de concentração, como também suas formas de luta.

Diversas práticas foram utilizadas para desconstruir a identidade das mulheres nos campos de concentração como também as relações de gênero que foram estabelecidas, porém o sentimento de luta sempre se fez presente no meio dessas mulheres, caracterizado pelo senso de organização entre elas. A idéia de passividade diante dessas práticas mostra-se errônea novamente, e a prova disso está nos relatos das sobreviventes, que nos contam como lutaram e sobreviveram aos ataques sofridos nos campos.

5.1. Mulheres na resistência, a luta pela sobrevivência

A história dentro dos escritos estudados demonstra ser característico da categoria mulheres, o senso de luta por direitos e reconhecimento. Nos campos de concentração, diante de todas as formas de tortura impostas pelos nazistas, não foi diferente. As mulheres, dentro de seu sistema de organização, lutaram por suas vidas e principalmente por suas identidades, desmitificando a ideia de que as prisioneiras aceitavam de forma passiva os maus tratos impostos pelos nazistas. Existiram aquelas que por falta de opção foram mandadas direto pra morte, porém houve aquelas que lutaram em seu cotidiano para não morrerem. A resistência pela sobrevivência é uma forma de luta que deve ser considerada.

Nos relatos encontrados e em alguns livros escritos percebem-se as formas de organização entre as prisioneiras para burlar até mesmo a ida à câmara de gás, existindo um sentimento muito forte de solidariedade entre elas. Como mostra essa fala de Maria Yefremov: “Eu estava grávida, para não ser descoberta eu era sempre a última da fila e as outras me cobriam quando chegava algum alemão, a fim de que ele não me visse.”¹²⁰.

Entre algumas formas de luta das mulheres prisioneiras, consta o grande número de casos de prostituição no campo, não cabe usar-se de julgamentos, mas era a única forma de algumas delas obterem uma melhor alimentação e livrarem-se do trabalho forçado.

Sabe-se da existência de bordéis dentro dos campos de Dachau e Auschwitz e que as mulheres que foram para lá escolhidas pelos oficiais nazistas nunca voltaram, pois era proibido aos homens alemães terem relações sexuais com mulheres judias, sendo fato que nenhum sobrevivente sabe o que acontecia nesses bordéis.

Diante do tabu existente ao discutir questões que envolvem sexualidade, devido ao preconceito referente ao tema prostituição, as sobreviventes que teriam ido para esses bordéis podem possuir receio de falar sobre esse assunto.

Havia aquelas mulheres que se prostituíam em troca de comida, tendo como objetivo não morrer de inanição como muitas. Segundo Frankl¹²¹: “Em situações de extremo sofrimento e iminência de morte, na luta pela sobrevivência vale abdicar de tudo, até de si mesmo.” Para sobreviver algumas mulheres submeteram-se a isso, como forma de esperança para saírem dos campos vivas.

¹²⁰ LEVY. **Sobre Viver**. Op. Cit. p.137.

¹²¹ FRANKL. **Em busca de um sentido**. Op. cit. p. 48.

A relação com o corpo e seus aspectos físicos nos campos de concentração era utilizado como um método de tortura psicológica das prisioneiras. Ao chegarem tinham seus cabelos raspados, recebiam um vestido feio e sujo, que nunca servia e que tinha pertencido a uma prisioneira que estava morta, a falta de higiene era algo presente nos galpões.

As prisioneiras ao olharem para sua colegas de pavilhão via-se a si mesma, então o cuidado com o corpo relacionado a vaidade não era algo mais necessário. Porém, em relatos de mulheres em busca de alguma dignidade, percebe-se o senso de organização existente entre elas, seja na parte de higiene, no roubo de comida do lixo dos oficiais, na união nas práticas religiosas, a ajuda a uma colega doente ou até mesmo na tentativa de reconstrução de sua imagem. Como mostra essa fala de Olga Benário trazida por Morais¹²² e retratado também no filme *Olga*¹²³ de 2004:

– Se não cuidarmos do nosso corpo próprio, os nazistas farão de nós o que quiserem. Estamos todas no mesmo barco e se quisermos ser tratadas com dignidade, temos primeiro que nos comportar como seres humanos e não como animais. [...] – Amanhã cedo faremos uma faxina geral no pavilhão. Acordaremos uma hora antes da chamada para ter tempo de limpar tudo. Depois da limpeza, todas terão que iniciar um novo hábito: banho diário obrigatório, faça frio ou calor. [...] – Nenhuma de nós tem um grande espelho aqui, mas podemos nos ver umas às outras para saber que estamos feias e flácidas. Já que não vamos ter ruge ou batom tão cedo, temos que nos preparar para a liberdade. Quando sairmos daqui, teremos que estar esbeltas para nossos namorados e maridos. E num campo de concentração, a única maneira de conseguir isto é fazendo ginástica.

A esperança pela liberdade despertava nessas mulheres o senso de luta, de preservar o pouco que restava da sua imagem destruída, sendo que estava na organização entre elas a solução para apaziguar o que viviam nos dias que passaram no campo. Práticas de

¹²² MORAIS. *Olga*. Op. Cit. p. 263-264.

¹²³ MONJARDIM. *Olga*. 2004. DVD.

leitura, canto e recitação de poesia são trazidas em relatos daquelas que sobreviveram como nos mostra D’Aléssio e Capelato¹²⁴:

Freqüentemente, durante os momentos de liberdade nas ruas do campo, as mulheres recitavam poesias em voz baixa, falavam de livros que tinham lido, peças de teatro que tinham visto, praticando o que algumas chamavam de uma ginástica cerebral. Para evitar cair na apatia, elas queriam exercer suas funções intelectuais. As russas [...] contaram que recitavam, para as camaradas, versos compostos por elas. Holandesas até redigira um pequeno opúsculo cômico, de três páginas, para tirar suas compatriotas da tristeza do cotidiano.

O senso de organização presente entre as prisioneiras fez com criassem entre elas uma sociedade particular, movidas pelos mesmos interesses que era o de sobreviver ao campo. Segundo Jurt¹²⁵ sobre esse tipo de sistema social criado pelos prisioneiros:

Na base da literatura de testemunho, as evidências de que, mesmo sob condições extremamente difíceis, os prisioneiros teriam construído uma sociabilidade, um sistema de relações sociais que se baseava em diferenças e semelhanças, a qual se chama de “sociedade dos prisioneiros”.

Existiam outras maneiras entre as mulheres e prisioneiros em geral para revoltar-se contra aquilo a que eram submetidos, um exemplo disso eram as constantes sabotagens das máquinas nas fábricas em que trabalhavam como escravas. Como fugas eram quase impossíveis, a única maneira encontrada por elas eram essas, sendo que acabavam tendo uma parcela de poder em mãos, pois dependia delas a produção de vários produtos para suprir a necessidade da máquina de guerra nazista. Como mostra esse relato trazido por D’Aléssio e Capelato¹²⁶:

[...] Para aprender, aproveitávamos os conselhos que nos davam ou que solicitávamos com ar aplicado: “Apertem até o fundo” (apertávamos pela metade); “encham até a metade” (enchíamos até o fim); “cuidado com esse parafuso que pode quebrar” (forçávamos o parafuso).

¹²⁴ D’ALÉSSIO; CAPELATO. Nazismo. Op. Cit. p.118-119.

¹²⁵ JURT. **Um caso extremo do social**. Op. Cit. p.199.

¹²⁶ D’ALÉSSIO; CAPELATO. Idem. Op. Cit. p. 114.

Há referências de movimentos organizados de esquerda dentro dos campos. O fato de terem existido focos de politização em meio à tragédia humana que foi o nazismo, mostra com clareza as disputas de ideologias presente na Segunda Guerra Mundial. Enquanto a direita conquistara posições de força e poder, a esquerda representava nos campos um movimento de luta. No campo de mulheres em Ravensbruck encabeçado por Olga Benário e Käthe Leichter, a organização de práticas do cotidiano ajudou na sobrevivência.

E a memória? A perda das lembranças das prisioneiras era uma preocupação constante no campo, sendo que memória e identidade são pensadas juntas. Relembrar o passado ajuda a construir quem somos. As mulheres também lutaram para preservar sua memória, seja escondendo objetos, escrevendo com carvão em papéis roubados, suas lembranças ou relembrando mentalmente num trabalho árduo para não esquecer o que viveram antes do campo. Como mostra esse relato de Hertha Spier¹²⁷:

– Alguma coisa temos que fazer Gisi. Estas fotos são a única forma que nos resta para relembrar os rostos de Jetti, de Jenny, Max, dos nossos pais... [...] Antes mesmo de Gisi fazer alguma objeção a respeito. Hertha rasgou as fotos que carregava consigo, manteve intacto apenas o rosto dos pais e dos irmãos, e junto com o pequenos brincos da mãe, colocou-as sobre um pedaço de pano arrancado de dentro do casaco. Enrolou-o bem, como extremo cuidado, e escondeu-os no ânus, enquanto se despia para entregar as roupas. Outras seis fotos, sem serem recortadas, mas também enrolada em pedaços de forro do casaco, foram escondidas dentro dos tamancos.

A persistência em preservarem suas memórias levou muitas mulheres a serem enforcadas para servirem de exemplo, mas o medo de esquecer aquilo que lhes foi tirado ao serem levadas ao campo era maior do que a morte. As lembranças as ajudavam a resistir e lutar para que ao verem-se livres pudessem reencontrar aqueles que não esqueceram e quem sabe rememorar aquilo que os campos de concentração não destruíram. Segundo Pollack,

¹²⁷ DINIZ. **A Sobrevivente A A21646**. Op. Cit. 127-128.

preservar a memória ajuda a preservar o sentimento de identidade, como demonstra nesse trecho¹²⁸:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletivo, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si.

O preservar da memória tornou-se também uma arma de luta contra o sistema nazista de extermínio. O mais importante, ela foi fundamental para reconstruir o eu dos sobreviventes com a libertação dos campos em meados de 1945.

A luta pela sobrevivência e por suas identidades deve ser considerada como forma de demonstrar a resistência diante de um sistema formado por terror e genocídio, principalmente no caso das mulheres que através de suas lembranças contam as formas encontradas por elas a sua maneira, de burlarem todos os meios utilizados pelos nazistas de destruírem aquilo que eram.

¹²⁸ POLLACK. **Memória e Identidade Social**. Op. Cit. p.5.

6. CONCLUSÃO

O que o Holocausto deixou na vida dessas mulheres? Uma marca que jamais vão esquecer, de uma vida que a memória pode ter apagado e colocado em seu lugar o medo de lembrar.

Ao discutir essa temática deve-se pensar numa história do Holocausto vista pelo olhar daquelas que diante da sensibilidade do ser mulher sofreram, perderam, lutaram e recomeçaram a partir da realidade do fim da guerra e da liberdade até então novamente “conquistada”, tendo que recomeçar do zero suas vidas, muitas vezes sozinhas, saindo em busca de uma identidade perdida.

A História mostrou que os fins não se prestam para justificar os meios empregados por qualquer tipo de violência. O terror foi inútil, e a barbárie nem como lição serviu, uma vez que continua ameaçando a humanidade. O Holocausto ainda causa espanto, há quem acredite que ele não existiu, mas felizmente existem aqueles que em sua luta sobreviveram para contar essa história como diz o sobrevivente Leon Herzog¹²⁹:

“A dor é real. A dor não é ficção. Gostaria que fosse ficção. Gostaria que alguém voltasse trazendo minha família e dissesse: Ei! Isso nunca aconteceu. Eles estão aqui. Mas eles não estão aqui!” (SPIELBERG, 1996, DVD)

Cabe ao historiador não deixar que essa história seja esquecida. Para que as gerações futuras saibam do horror que o ser humano foi capaz de cometer movido por teorias fundamentadas em conceitos de diferenças raciais, comprovadas hoje que não existem. O projeto nazista baseado em uma identidade nacional excludente, levou milhões à morte e marcou a História da humanidade pra sempre.

¹²⁹ SPIELBERG. **Os sobreviventes do Holocausto**. 1995. DVD.

Esse trabalho teve por objetivo principal dar visibilidade às mulheres na história do holocausto, fazendo uso das fontes encontradas que fazem referência sobre elas. Mostrando suas formas de luta e resistência contra o sistema de tortura imposta pelos nazistas.

O estudo de identidade possibilitou essa reflexão, identificando através das práticas impostas pelos nazistas dentro dos campos, como as mulheres reconheciam-se como sujeitos dentro dessa sociedade.

Essa pesquisa pode possibilitar novas discussões, novos questionamentos, como por exemplo, como foi o processo de reconstrução da identidade das mulheres após o fim da guerra? Como ficaram suas vidas? O que pensam de si mesmas como sobreviventes? Existem inúmeras possibilidades de se entender a relação das mulheres com o Holocausto, não só na perspectiva das prisioneiras, mas das mulheres nazistas. Onde estão a fala das capôs, das enfermeiras, da guarda feminina nazista? O holocausto também pode ser entendido também pelas mulheres do lado opressor, que também foram submetidas aos desmandos nazistas.

A história nos mostra como o senso de luta das mulheres fez com que conquistassem seus direitos, porém diante das poucas produções existentes percebeu-se que muito ainda precisa ser escrito sobre a história das mulheres, dar voz a elas ainda é um desafio para os historiadores.

De toda a discussão trazida nesse trabalho concluímos que a História do Holocausto também é uma História das Mulheres, pois pelo seu modo de pensar, agir e lutar, fizeram-se presentes e que diante da generalização do tema acabaram sendo silenciadas. Buscamos dar voz a elas que também são personagens dessa parte da História.

Não cabe nesse trabalho fazer uso de julgamentos e nem apontar culpados, pois o tema em si já faz isso, mas dar visibilidade a aquelas, que nessa parte da história, são esquecidas, pois a História das mulheres ainda é um desafio para aqueles que acreditam nela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARENDDT, Hannah. **Origens do totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.p.23-75.p.304-309.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.p.61-69.
- BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992. p.7-37.
- BOCK, Gisela. A política sexual nacional-socialista e a história das mulheres. In: COELHO, Maria Helena da Cruz et al. (Org). **História das mulheres no Ocidente: o século XX**. V.5 Porto: Afrontamento, 1990-1991. p.184-217.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. 7ª Ed. São Paulo: Companhia das Letras. 1999 p. 8 – 89.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **Guerreiras anônimas: por uma história da mulher judia**. São Paulo, fev. 2009. Disponível em: <www.usp.br/proin/download/.../artigo_guerreiras_anonimas.pdf> Acesso em 14 de maio de 2011.
- D’ALESSIO, Marcia Mansor; CAPELATO, Maria Helena. **Nazismo: politica, cultura e Holocausto**. São Paulo: Atual, 2004. p.128. (Discutindo a história)
- DINIZ, Tailor. **A sobrevivente A21646**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.p.192.
- FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido: um psicólogo no campo de concentração**. 2ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1991.p.136p. (Coleção Logoterapia)

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 5ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1961. P.7-40.

GONÇALVEZ, Renan Borges. **O confinamento de imigrantes e descendentes de italianos e alemães no vale do Araranguá durante II guerra mundial**. 2010.76.p. Trabalho de Conclusão de curso (graduação em História). Universidade do Extremo Sul Catarinense-Unesc, Criciúma.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos et al. (Org.). **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: UFRGS, 2000. p.41-58.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.p.102.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**. O breve século XX 1914-1991. 2ª Ed. São Paulo: Companhia das letras, 1995.p. 304-313.

JURT, Joseph. Um caso extremo do social: As sociedades dos prisioneiros nos campos de concentração nazistas. **Tempo Social**, São Paulo, v. 22, n. 1 , p.[199]-210, jun. 2010.

KLÜGER, Ruth. **Paisagens da Memória**: autobiografia de uma sobrevivente do Holocausto. São Paulo: 32, 2005.p.252.

LEVY, Sofia Débora. **Sobre Viver**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2006.p.248.

LOURO, Guacira. Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Revista Pro-Posições**. São Paulo, v.19, n. 2, p. 17-23, maio/ago, 2008.

MARQUES, Adhemar Martins et al. **História contemporânea através de textos**. 11.ed São Paulo: Contexto, 2008. p.135-166.

MARRUS, Michael R. **A assustadora história do Holocausto**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.p.432.

MORAIS, Fernando. **Olga**. 13ª Ed. São Paulo: Alfa-Omega LTDA. 1987.p.314.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de janeiro. v.5, n.10, 1992, p.1-15.

PROST Antoine; VINCENT, Gerard (org). **História da Vida Privada**: da Primeira Guerra aos nossos dias. v.5. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.459-489.

QUÉTEL, Claude. **As mulheres na Guerra**: 1939-1945 . São Paulo: Laouresse do Brasil, 2009. p. 239

RAGO, Margareth. Pensar diferentemente a História, viver femininamente o presente. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos et al. (Org.). **Questões de Teoria e Metodologia da História**. Porto Alegre: UFRGS, 2000. p.41-58.

RIBEIRO JR. João. **O que é nazismo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.p,86 (Coleção Primeiros Passos)

SAIDEL, Rochelle G. **As judias do Campo de Ravensbrück**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 306.

SCHLOSS, Eva; KENT, Evelyn Julia. **A História de Eva**. Rio de Janeiro: Record, 2010. p.254.

SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história novas perspectivas**. São Paulo: Unesp, 1992.p.63-95.

_____. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 2, n. 20, p.71-99, Jul/Dez, 1995.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2005.p.202-205.

SOIHET, Rachel. História das Mulheres. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. (Org.). **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p.275-296.

INTERNET

<www.charlesfishmam.com> Acesso em: 15/05/2011

<www.historiadomundo.com.br> Acesso em: 24/06/2011

<www.poetasepoesias.blogspot.com>Acesso em: 13/10/2011

<www.segundaguerramundial.com.br>Acesso em: 15/06/2011

<www.ushmm.org>Acesso em: 19/06/2011

<www.youtube.com/noiteeneblina>Acesso em: 15/05/2011

REFERÊNCIA IMAGENS

Figura 1

MARRUS, Michael R. **A assustadora história do Holocausto**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.p.238

Figura 2

<www.segundaguerramundial.com.br> Acesso em: 15/06/2011.

Figura 3

QUÉTEL, Claude. **As mulheres na Guerra: 1939-1945** . São Paulo: Laouresse do Brasil, 2009. p.35.

Figura 4

MORAIS, Fernando. **Olga**. 13ª Ed. São Paulo: Alfa-Omega LTDA. 1987.p.18

Figura 5

DINIZ, Tailor. **A sobrevivente A21646**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002.p.35.

Figura 6

SAIDEL, Rochelle G. **As judias do Campo de Ravensbrück**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 119.

Figura 7

SCHLOSS, Eva; KENT, Evelyn Julia. **A História de Eva**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
(Anexos)

Figura 8

<www.ushmm.org>Acesso em: 18/08/2011

Figura 9

QUÉTEL, Claude. **As mulheres na Guerra: 1939-1945** . São Paulo: Laouresse do Brasil, 2009. p. 67.

Figura 10

SAIDEL, Rochelle G. **As judias do Campo de Ravensbrück**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 228.

REFERÊNCIA FILMES

Documentário Os sobreviventes do Holocausto, Steven Spielberg, EUA: Europa Filmes, 1995, 1 DVD.

A Lista de Schindler. Steven Spielberg, EUA: Europa Filmes, 1993, 1 DVD.

Olga. Jaime Monjardim. São Paulo: Globo Filmes, 2004, 1 DVD.

ANEXOS

Anexo 1

Mapa da Europa que retrata a distribuição dos campos de concentração em seu território.



D'ALESSIO, Marcia Mansor; CAPELATO, Maria Helena. **Nazismo**: política, cultura e Holocausto. São Paulo: Atual, 2004.p.97 (Discutindo a história)